



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O silêncio e o riso:

A recepção dos balões de ar quente na Inglaterra setecentista (1783-1785)

BRASÍLIA

2025

Fabrícius dos Santos de Albuquerque Costa

O silêncio e o riso:

A recepção dos balões de ar quente na Inglaterra setecentista (1783-1785)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção de título de
Licenciatura em História pela Universidade de
Brasília

Orientador: André Gustavo de Melo Araújo

BRASÍLIA

2025

Things have changed for me, and that's okay

I feel the same, I'm on my way

- Panic! At The Disco

Agradecimentos

A pesquisa sempre foi e sempre será um processo muito solitário. Uma floresta escura na qual diversas pessoas já se perderam e outras se acharam. Estar nessa floresta é caminhar por um caminho escuro e frio. Durante a minha trajetória na universidade eu estive e, ainda estou caminhando por essa floresta. Mas por razões inexplicáveis que eu não conseguiria transpor em meras palavras, ao longo dessa caminhada encontrei diferentes e diversos vagalumes que iluminaram o trajeto. Aqui cabe um agradecimento a cada um deles.

Antes mesmo de chegar na floresta e em primeiro lugar aos meus pais e irmã, Denise, José e Paloma. Vocês foram os vagalumes que iluminaram minha saída de casa e o caminho até a entrada da floresta. E que não me deixaram caminhar sozinho, em muitos momentos vocês também iluminaram o trajeto com palavras de incentivo, auxílio de todo tipo e também com amor.

Alguns vagalumes entraram na floresta junto comigo. Obrigado Jorge Bitar, você foi e é uma das minhas pessoas favoritas e com certeza o vagalume que mais brilhou ao longo de todo o caminho, como irmãos nós compartilhamos angústias, paixões, alegrias e medos. Outros surgiram ao longo da trajetória, sem eles nada existiria. Obrigado aos meus amigos com os quais compartilhei dores, reclamações, muitas risadas e claro muitos textos. Isabela Sá, Ana Júlia Paz, Antônio Monteiro, Maíra Nunes, Isabela Fechina e Júlia Borges, minha irmã de orientação, vocês fizeram parte da minha formação como historiador e leram várias versões dessa história balonística.

Obrigado Yan Lourenço e Nicole Benchimol, vocês são companheiros de uma viagem e vagalumes que brilham nos caminhos das diferentes florestas que entramos.

Por fim, alguns trilheiros seguram tochas dentro da floresta por já terem chegado no fim de muitas estradas e encontrado materiais para auxiliar os novos viajantes. Obrigado aos professores que se tornaram tutores e que hoje chamo de amigos. Marina Bezzi, que compõe a minha banca e que não poderia ser deixada de fora já que em muitos momentos me auxiliou me incentivou e viu potencial em mim mesmo quando nem eu enxergava. Aos que ensinaram diferentes formas de encontrar saídas da floresta, André Barcellos, Camila Condilo, Daniel Faria, José Inaldo Chavez, Leandro Rust, Neuma Brilhante e Thomás Haddad. E por fim ele, que me acolheu, me ouviu, me elogiou, me criticou, me incentivou, me criou e me abraçou nos momentos em que sair da floresta parecia impossível, André Araújo, sem você eu não seria historiador nem a pessoa que sou hoje, obrigado por me ensinar tanto.

Resumo

Esta monografia investiga a recepção dos balões de ar quente na Inglaterra entre 1783 e 1785, buscando compreender como um fenômeno inicialmente francês foi reinterpretado no contexto inglês. A pesquisa parte das cartas de Vincent Lunardi, balonista responsável pelo primeiro voo bem-sucedido em Londres, e as articula com uma amostragem de periódicos londrinos, correspondências da Royal Society e manifestações culturais como sátiras e canções. O estudo demonstra que, ao contrário do entusiasmo francês, a recepção inglesa foi marcada por silêncio, ceticismo, empolgação e ironia. Metodologicamente, o trabalho combina análise documental e reflexão historiográfica, destacando uma lacuna ainda pouco explorada pelos estudos do balonismo. Ao deslocar o foco da invenção para a recepção, e da França para a Inglaterra, o estudo propõe uma nova leitura sobre o surgimento desse objeto.

Palavras-chave: balões de ar quente; Inglaterra; Vincent Lunardi; século XVIII; recepção.

Abstract

This monograph investigates the reception of hot air balloons in England between 1783 and 1785, aiming to understand how a phenomenon initially developed in France was reinterpreted in the English context. The research draws on the letters of Vincent Lunardi, the aeronaut responsible for the first successful flight in London, and connects them with a selection of London periodicals, correspondences from the Royal Society, and cultural manifestations such as satires and songs. The study shows that, unlike the French enthusiasm, the English reception was marked by silence, skepticism, excitement, and irony. Methodologically, the work combines documentary analysis with historiographical reflection, highlighting a gap still little explored in ballooning studies. By shifting the focus from invention to reception, and from France to England, the study proposes a new interpretation of the emergence of this object.

Keywords: hot air balloons; England; Vincent Lunardi; 18th century; reception;

Introdução

Em 1783, surgiu em Annonay uma invenção capaz de mobilizar multidões: o balão de ar quente. Construído pelos irmãos Joseph e Jacques Montgolfier, o balão rapidamente ganhou as ruas de Paris e de Versalhes,¹ atraindo multidões e a atenção da própria corte. O voo humano, até então associado a mitos e devaneios, tornava-se realidade em uma atmosfera de festa e de comoção públicas.² A França celebrava uma façanha como sinal de engenho e modernidade.³

No entanto, a travessia do Canal da Mancha trouxe uma reconfiguração desse entusiasmo.⁴ Na Inglaterra, a mesma novidade foi recebida com cautela e ironia. Periódicos londrinos questionavam a serventia dos balões, descrevendo-os como curiosidades passageiras, desprovidas de aplicação útil. Filósofos vinculados à *Royal Society* permaneciam em silêncio, deixando de comentar o fenômeno nas publicações da instituição.⁵ Por outro lado, algumas publicações avulsas observaram o feito em tom de sátira e receio.

Nesse contexto, uma figura emerge como central para este trabalho: Vincent Lunardi, jovem italiano que, inspirado pelas experiências francesas, decidiu realizar, em Londres, o primeiro voo bem-sucedido em balão de ar quente. Suas cartas, publicadas em 1784 na obra *An account of the first aerial voyage in England*,⁶ narram não apenas a conquista aérea, mas também os obstáculos que enfrentou, o silêncio e o afastamento dos filósofos,⁷ a indiferença das instituições⁸ e a necessidade de conquistar a opinião pública.⁹ O testemunho de Lunardi revela, em primeiro plano, uma tensão essencial para compreender o fenômeno observado no contraste entre o entusiasmo e um receio que pairava sobre os ares ingleses. O contato com essa fonte levou à formulação da pergunta que passou a guiar a pesquisa.

A pergunta que orienta esta pesquisa é, portanto: de que forma os balões de ar quente, inicialmente um espetáculo francês, foram recebidos e interpretados no contexto inglês?

A escolha desse objeto se justifica pelo fato de que os balões tiveram uma recepção ambígua em publicações inglesas da época. Como invenções visíveis, que ocupavam o céu e

¹ Kim, Mi Gyung. *The Imagined Empire: Ballon Enlightenments in Revolutionary Europe*. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 2016, pp. 2-22.

² Ibidem.

³ Ibidem.

⁴ Rahi, Vannis Jones. *Flying start*. Blog da Royal Society, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://royalsociety.org/blog/2022/04/flying-start/>. Acesso em: 19 de outubro de 2025.

⁵ Ibidem.

⁶ Lunardi, Vincent. *An account of the first aerial voyage in England*. Londres. Impresso pelo autor e publicado por J. Bell. 1784.

⁷ Lunardi, Vincent. *An account of the first aerial voyage in England*. Londres. Impresso pelo autor e publicado por J. Bell. 1784, p. 18.

⁸ Ibidem.

⁹ Idem, pp. 19-21.

arrastavam multidões, eles não podiam passar despercebidos. Todavia, como experimentos de difícil controle, provocavam, ao mesmo tempo, estranhamento em instituições, periódicos e indivíduos mais céticos.

Com esse ponto de partida, tornou-se possível buscar outras fontes que dialogassem com essa percepção inicial. Foi então que os periódicos ingleses passaram a compor o corpus documental, registrando a chamada “balloonomania”¹⁰ e revelando como esse debate foi transposto ao espaço público, escancarando o cenário no qual o objeto se encontrava.

Dessa forma, para desenvolver essa análise, recorreu-se a fontes primárias diversas, com destaque para as cartas de Lunardi, que oferecem um relato primário da experiência inglesa, e para os scrapbooks de William Upcott, que reuniram diferentes periódicos dos primeiros anos do balonismo e que foram utilizados ao longo desta pesquisa. Essas fontes são complementadas por notícias do jornal *The London Magazine*, que tanto celebraram quanto ridicularizaram os voos, o que permite observar como a novidade circulou em diferentes esferas públicas. Além delas, as *Philosophical Transactions* da *Royal Society*, a mais alta instituição filosófica inglesa do período, e também as correspondências entre Benjamin Franklin, entusiasta dos balões, e o então presidente da instituição, Joseph Banks. Todas essas fontes serão trabalhadas ao longo do segundo capítulo deste trabalho.

A documentação está localizada entre 1783 e 1785, período imediatamente posterior à primeira ascensão bem-sucedida de um balão tripulado, realizada pelos irmãos Montgolfier na França. A justificativa para este recorte é evidente, o primeiro voo, como visto ocorreu em 1783 e o período de dois anos é suficientemente robusto para se trabalhar o início da recepção de um objeto novo, sem tornar a pesquisa demasiadamente extensa. Além disso, essa delimitação responde a uma decisão metodológica específica: acompanhar o momento de irrupção do balão como novidade, quando ainda se acumulam incertezas, expectativas e tensões.

Nesse sentido, a abordagem da documentação utilizada nesta pesquisa partiu do reconhecimento de que nenhuma fonte, por si só, explica a totalidade de uma recepção. As cartas de Vincent Lunardi, embora constituam um testemunho privilegiado da chegada do balonismo à Londres, carregam uma voz profundamente situada, atravessada por expectativas pessoais, ansiedades e tentativas de autopromoção.¹¹ Assim, em vez de tratá-las como registros transparentes, optou-se por lê-las como peças de uma escrita de si, uma narrativa construída

¹⁰ Keen, Paul. *Literature, commerce, and the spectacle of modernity, 1750–1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, pp. 40-77.

¹¹ Suarez, Michael; Turner, Michael. *The Cambridge History of the Book in Britain, Vol. 5 1695-1830*, Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 667-684

para legitimar uma experiência pioneira e negociar prestígio em um ambiente que lhe era inicialmente hostil. Por isso, o trabalho adota um olhar crítico sobre as estratégias discursivas do autor e sobre a maneira como ele interpreta o cenário no qual se encontrava. Essa postura metodológica permite utilizar as cartas não como espelho do real, mas como ponto de partida para começar a rastrear a recepção londrina do balão.

O campo da recepção, conforme definido por Peter Burke,¹² é central para abordar a circulação de ideias e artefatos, pois enfatiza o receptor como agente ativo no processo, e não um assimilador passivo. Nesse sentido, a escolha da recepção como chave de leitura coloca o trabalho dentro de um problema teórico-metodológico específico, deslocando o foco da própria invenção para a agência do receptor. Essa abordagem permite interpretar a circulação de uma inovação tecnológica, como o balonismo, nesse caso, para além da invenção.¹³

Metodologicamente, o trabalho parte do entendimento de que a documentação não deve ser tratada como um reflexo transparente do real, mas como um conjunto de discursos situados que revelam tensões, expectativas e enquadramentos distintos em torno do balão. Trata-se, portanto, de compreender o balão como um operador simbólico que circula em “recepções” no plural,¹⁴ reconhecendo que a novidade não foi recebida de forma homogênea.

Apesar disso, um problema metodológico central que atravessa a pesquisa diz respeito à comparação entre esferas discursivas distintas. Por isso a necessidade levantada do reconhecimento de recepções. Cada parte do conjunto das fontes, responde ao surgimento do balão segundo lógicas próprias de validação, circulação e finalidade, ou seja, para não atribuir um peso homogêneo a esses materiais, foi necessário adotar uma perspectiva que reconhecesse a agência do receptor, enfatizando o que cada documento e seu contexto nos mostra.

Já do ponto de vista historiográfico, este estudo insere-se em um debate que, até hoje, privilegia a experiência francesa. Obras clássicas como as de Charles Gillispie (1983)¹⁵ ou Carrol Glines (1965)¹⁶ narraram o balonismo sobretudo como uma história de invenções e triunfo, enquanto autores mais recentes, como Mi Gyung Kim (2016)¹⁷ e Clare Brant (2011a;

¹² Burke, Peter. The history and theory of reception. In: LLOYD, Howell A. (ed.). *The reception of Bodin*. Leiden; Boston: Brill, 2013. p. 21–37.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Gillispie, Charles Coulston. *The Montgolfier Brothers and the Invention of Aviation, 1783-1784*. Princeton: Princeton University Press, 1983.

¹⁶ Glines, C. V., ed. *Lighter than Air Flight*. Watts Aerospace Library. New York: Franklin Watts, 1965.

¹⁷ Kim, Mi Gyung. *The Imagined Empire: Ballon Enlightenments in Revolutionary Europe*. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 2016.

2011b)¹⁸ chamaram a atenção para os conflitos e ambiguidades que atravessaram esse processo. No entanto, a recepção inglesa ainda permanece pouco explorada. Este trabalho busca, portanto, lançar luz sobre essa lacuna.

Assim, os capítulos seguintes desenvolverão, de modo mais detalhado, os aspectos aqui apresentados. Vejamos: O primeiro capítulo apresenta o contexto do surgimento dos balões de ar quente na França, mas já antecipa sua circulação na Inglaterra por meio da figura de Vincent Lunardi, cujas cartas servem de fio condutor ao longo do trabalho. Nele, o balão é analisado como fenômeno inserido em um ambiente de espetacularização pública. Metodologicamente, o capítulo combina análise documental com revisão crítica da historiografia clássica, evidenciando um contexto para o surgimento do problema de pesquisa, para além da compreensão de como se consolidou uma narrativa francesa sobre a origem do balonismo e de como Lunardi emergiu como ponto de passagem para o caso inglês. Além disso, nessa primeira parte da pesquisa, explicitamos as camadas da historiografia sobre os balões e onde o trabalho em curso se insere.

Assim, o segundo capítulo se concentra na análise aprofundada de uma documentação primária mais ampla e heterogênea a fim de começar a compreender melhor as camadas dessa recepção. Isso foi feito por meio de um mapeamento sistemático da recepção inglesa em três eixos documentais. Primeiro, confrontar a percepção de Lunardi com as fontes institucionais da *Royal Society*, analisando tanto o silêncio das *Philosophical Transactions* quanto as correspondências privadas entre Benjamin Franklin e Joseph Banks, a justificativa para a análise destas fontes se deve a Lunardi que em suas cartas levanta o silêncio dos filósofos com relação ao novo objeto, mas também ao fato de que ao mapear a recepção desta instituição chegou-se ao trabalho de Vannis Rahi que explicitou as figuras de Franklin e Banks como primordiais para compreensão da temática.

Logo após partiremos ao segundo eixo: a análise de dois periódicos, examinando o contraste entre o ceticismo utilitarista do *London Chronicle* e o espectro das edições de 1784 da *The London Magazine*, estes periódicos foram escolhidos pela robustez que o objeto tomou nas publicações e também pelo acesso remoto facilitado através de repositórios digitais. E, por fim, partiremos para o eixo terceiro, investigando outra instância por meio da sátira visual do caso Moret e da canção *The Air Balloon*, que revelaram outras camadas políticas e culturais da

¹⁸ Brant, C.; Whyman, S. E. *Progress of knowledge in the regions of air. Divisions and disciplines in Early Ballooning*, London, England: Oxford University Press, 2011, pp. 71-86;
Brant, C.; Whyman, S. E. *I will carry you with my wings of imagination: Aerial letters and eighteenth-century ballooning*. London, England: Oxford University Press, 2011.

recepção. Vale ressaltar que esta investigação não tem como objetivo contemplar, em sua totalidade, as mais diversas camadas da recepção deste objeto na Inglaterra, apenas lançar luz sobre alguns eixos que podem demonstrar parte disso.

Por fim, a conclusão deste trabalho funciona tanto como um resumo de tudo o que foi feito quanto como um fechamento das explicações levantadas pelas análises propostas no segundo capítulo.

Ao longo deste trabalho, o termo "ciência" será empregado diversas vezes. É importante notar, porém, que a expressão mais utilizada para a época aqui analisada é "Filosofia natural e experimental". A opção por "ciência" segue o exemplo de Al Coppola (2016), para garantir simetria e simplicidade na discussão sobre a filosofia natural.¹⁹

¹⁹ Coppola, Al. *The theater of experiment: staging natural philosophy in eighteenth-century Britain*. Oxford: Oxford University Press, 2016; ver Nota 12 da Introdução ("Introduction – The culture of spectacle"), pp. 187-188;

1. “O que é aquilo no céu? É um pássaro? Um Deus? Não, é um balão de ar quente!” A alçada e concretização do voo humano

No ano de 1666, na cidade de Florença, o entusiasta do conhecimento e da experimentação, Giovanni Alfonso Borelli (1608-1679), que conquistou o cargo de professor na sociedade acadêmica *Accademia del cimento*²⁰, publicou estudos sobre astronomia. Neles, explicou que seria impossível que um homem voasse, mesmo com auxílio de alguma tecnologia, considerando a estrutura física do corpo humano e as forças²¹ que nele atuam²².

A despeito do descrédito que circulava publicamente, em 1670, em Milão, foi publicada uma obra do Padre Francisco Lana Terzi, na qual o católico se dedicou a divulgar suas ideias sobre possibilidades de invenção. A obra, intitulada *Prodromo, ouero, Saggio di alcune inuentione nuoue, premesso all'arte maestra*²³, recolhia diferentes rascunhos de ideias para possíveis máquinas a serem construídas. Foi nela que o padre se opôs às afirmações anteriormente propostas por Borelli. Na publicação, encontramos o que possivelmente foi o primeiro ‘instrumento voador’ concebido para transportar pessoas pelo ar. A invenção apresentou o que seria uma espécie de barco, de pequeno porte, porém com um grande mastro no centro que sustentava o tecido da vela presa ao longo da madeira e amarrada na parte traseira. Por fim, ao redor do mastro e amarradas ao longo da estrutura lateral, ainda figuravam quatro esferas ocas de cobre que ascenderiam ao céu por impulsão²⁴, como podemos ver na figura 1.

²⁰ Fundada por Leopoldo de Médici, a *Accademia del cimento* foi um dos primeiros laboratórios científicos da Itália.

²¹ A forma como me refiro à força neste contexto, se refere a uma ideia conceitual mais contemporânea do que aquela difundida no período analisado neste trabalho. Faz-se uso deste termo apenas para facilitar a compreensão do leitor de uma técnica menos simples, que não será destrinchada aqui por não ser o foco da pesquisa.

²² Seus ideais foram próximos do que Johannes Kepler apenas suspeitou referente a uma ação central causada pelo sol, que atuava sobre corpos celestes e consequentemente nos corpos que habitam a Terra. Ele foi fortemente influenciado por William Gilbert e sua ideia de magnetismo. Apesar disso, para Giovanni Borelli, foi muito difícil compreender quais eram as ações nos corpos e como mensurá-las e por isso, achou impossível conceber a ideia de um possível voo. Essas questões, anos mais tarde, foram explicadas pelas leis de Isaac Newton, em especial, a lei da gravidade.

²³ Tradução do autor: Pródromo, ou, Ensaio sobre algumas novas invenções, prefaciado à arte mestra.

²⁴ Impulsão nesse contexto se refere às chamadas ‘Leis de Arquimedes’, postuladas por Arquimedes, que propunha a ideia de que corpos seriam impulsionados para cima quando imersos parcial ou totalmente em um fluido (líquido ou gasoso). Essa explicação, bem simples, posteriormente se mostrará muito promissora, já que a questão dos fluidos será primordial para que, mesmo sem necessariamente saber, os irmãos Montgolfier criassem o balão de ar quente. Apesar disso, as leis de Arquimedes são limitadas e complementadas pelas leis de Bernoulli.

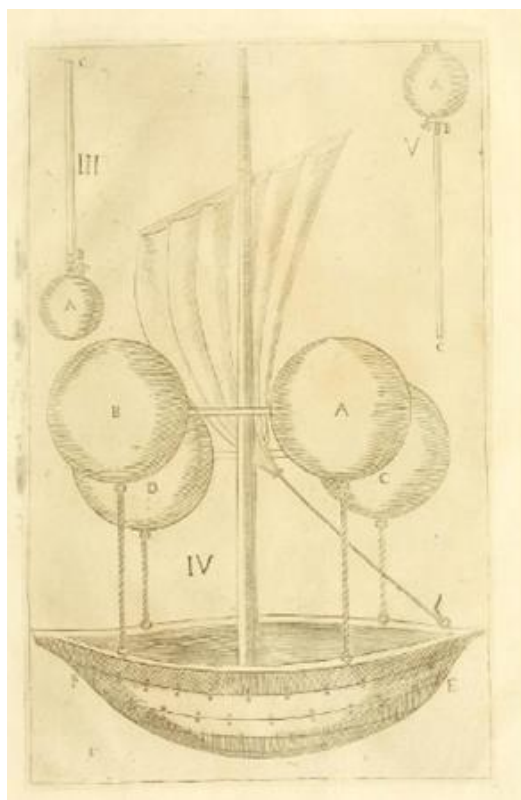


Fig. 1: Nave aérea de Terzi (1670). Disponível em: <https://archive.org/details/prodromooouerosag00lana/page/n265/mode/2up>

A obra de Terzi parece ter servido de combustível, especialmente no decorrer do século XVIII, para a ideação de explorar a mobilidade aérea e de transformar a maneira como as pessoas se locomoviam. No entanto, a ambição de alcançar o céu não era novidade do século XVIII, já que, desde a antiguidade, há registros de tentativas humanas de chegar às alturas (Kim, 2016). Histórias como as de Dédalo e Ícaro, do monge voador Eilmer de Malmesbury, do inglês das asas de madeira de Thomas Pelling e outros casos são apenas alguns exemplos do fascínio humano pelo voo.

O fato é que, desde a publicação dos ensaios do padre italiano, surgiram algumas invenções que pareciam, de certa forma, com o que ele idealizou. Esses experimentos tinham o mesmo intuito da ideação do padre: voar. Durante o século XVIII, por exemplo, Bartolomeu de Gusmão (1685-1724), jesuíta português nascido no Brasil, ficou muito conhecido por suas invenções e por tentar construir máquinas mirabolantes. Foi ele que, em 1709, apresentou à corte de Portugal um objeto que, em teoria, poderia sair do chão, desafiar a gravidade²⁵ e voar, pelo uso de ar quente. Ao que se tem registro, a máquina foi apresentada à corte portuguesa em

²⁵ O termo utilizado aqui segue uma percepção contemporânea do que é a gravidade. Vale ressaltar que, à época, esse conceito ainda não era algo entendido nem mesmo por estudiosos da filosofia natural.

uma sessão fechada durante o mês de agosto e, nela, um pequeno balão subiu a partir dos efeitos físicos do ar aquecido.

Apesar disso, os relatos sobre a invenção do jesuíta não são verídicos. A máquina voadora desenhada por Gusmão (cf. figura 2) não passa de uma fantasia de outros cantos da Europa. Na realidade, o que ele fez provavelmente foi algo mais próximo da estrutura de uma pequena cesta com tecido amarrado em cima, que ascendeu alguns metros do chão, do que, de fato, um dirigível, como ficou popularizado na Europa com o passar do tempo. Lennart Ege (1974) explicita que é improvável que Gusmão tenha chegado a uma estrutura próxima daquela que o balão de ar quente viria a ser. Como veremos adiante, apenas décadas depois, em 1783, os irmãos Joseph e Jacques Montgolfier concretizariam a construção de um maquinário eficiente para o voo humano.



Fig. 2: Ilustração francesa da suposta máquina inventada por Bartolomeu de Gusmão em 1709. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85095492>.

No final do século XVII e início do XVIII, a ideia de uma máquina que pudesse levar o homem ao céu era vista com grande ceticismo na Europa. Isso ocorria mesmo com os

experimentos de Gusmão e Terzi, pois a ciência da época, baseada na tradição empírica, valorizava acima de tudo explicações rigorosas, leis precisas e comprovação matemática²⁶

Apesar disso, no século XVIII, a experimentação foi bastante incentivada e desenvolvida. Com diferentes tradições, a busca por conhecimento se mostrou em desenvolvimento tanto dentro quanto fora das universidades. Alan Morton e Jane Wess (1993) explicam que, nesse período, a busca por conhecimento alcançou a esfera pública por meio de palestras de filosofia natural e de publicações que abordavam a temática em jornais e periódicos diversos, especialmente na Inglaterra. Além disso, os autores apontam que foi a partir dessa maior disseminação de conhecimento para fora dos círculos intelectuais e da corte que pessoas comuns começaram a se interessar pela busca do conhecimento, além de fazerem pesquisas e experimentos por conta própria.

*Through the process of lecturing, the subject of natural philosophy was defined for a wider audience and represented to that audience. Though the work of the lecturers drew on the earlier achievements of the 'virtuosi' of the Royal Society, the approach they took to natural philosophy was also influenced by other factors connected to broader cultural developments such as the coming of newspapers, or the productions of the hacks of Grub Street. One result was that the subject of natural philosophy became better known with much of this knowledge being spread by itinerant lecturers.*²⁷

Foi nesse contexto da cultura letrada que, durante a década de 1780, os irmãos Joseph e Jacques Montgolfier, naturais da França e cidadãos da cidade de Annonay, tiveram contato com debates e discussões em relação a fluidos. Puderam, a partir daí, iniciar a tentativa de construir uma máquina que realmente voasse.²⁸

O contato com a ciência e com as diferentes descobertas, avanços e experimentos que se realizavam na França do século XVIII gerou em Joseph, um dos irmãos, o interesse pelo estudo dos fluidos.²⁹ Não à toa, ele ficou conhecido por produzir corantes a partir da mistura de

²⁶ Soares, Luiz Carlos. *A filosofia natural e experimental na Inglaterra do século XVIII: um diálogo com a historiografia acerca da ideia de "Ciência" na "Era das Luzes"*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2022, p. 54.

²⁷ Morton, Alan Q.; Wess, Jane A. "Lecturing", in: *Public & private science: the King George III collection*. Oxford-Nova York: Oxford University Press-Science Museum de Londres, 1993, p. 2. Tradução do autor: Por meio do processo de lecionar, o tema da filosofia natural foi definido para um público mais amplo e apresentado a esse público. Embora o trabalho dos palestrantes se baseasse no conhecimento prévio dos 'virtuosos' da Royal Society, a abordagem que adotaram em relação à filosofia natural também foi influenciada por outros fatores ligados a desenvolvimentos culturais mais amplos, como o surgimento dos jornais e as produções dos escritores na Grub Street. Um dos resultados foi que o tema da filosofia natural se tornou mais conhecido com grande parte desse conhecimento sendo disseminado por palestrantes itinerantes.

²⁸ Um fato curioso sobre os irmãos é que eram filhos de um produtor de papel, Pierre Montgolfier, que se destacou entre os produtores franceses por fazer parte de uma linhagem de 'papeleiros' que compuseram essa indústria desde o século XIV (Gillispie, 1983). Esse fato fez com que os irmãos, filhos de Pierre, tivessem acesso facilitado à ciência pública comentada anteriormente, além de diferentes obras publicadas que chegaram até eles.

²⁹ Gillispie, 1983, p. 14.

pigmentos³⁰, o que o aproximou ainda mais deste estudo. Posteriormente, esse conhecimento adquirido ao longo de sua trajetória de fascínio o faria olhar para uma roupa secando acima de uma fogueira e notar que se inflou e se ergueu no varal.³¹ O olhar atento e preciso, somado ao histórico de contato com produções de conhecimento das sociedades acadêmicas da França, levou-o a pensar que, se uma roupa pode voar com o fluido produzido pelo fogo, possivelmente uma estrutura maior também poderia. É nesse cenário que surge a ideia de uma máquina voadora que permitiria ao homem alcançar os céus.

A slightly more credible story has Joseph drying lingerie—some have said his wife's chemise—over a blaze. The fabric billows and lifts with the heat. Could not a large sack be filled "with the same gas" and sent aloft? According to a cousin, Matthieu Duret, Joseph had been musing in this manner as early as 1777.³²

A máquina voadora, pensada por Joseph e concretizada juntamente com seu irmão, é o balão de ar quente. Os experimentos dos irmãos foram bem-sucedidos e, em 5 de junho de 1783, o balão subiu aos céus de Annonay³³. Apesar disso, os irmãos Montgolfier não estavam em busca de voar especificamente. Na verdade, a investigação dos dois era muito mais próxima do estudo de fluidos gasosos e do calor. Isso, de certa forma, demonstra que o ceticismo coletivo em relação ao voo continuava sendo uma máxima, já que a ideia de voar, até mesmo para os inventores do balão, não era um propósito.³⁴ Não havia uma corrida para alcançar o voo. Porém, em consequência de experimentos como estes, o voo se tornou uma realidade para os europeus no fim do século.

Ainda em 1783, os irmãos Joseph e Jacques Montgolfier apresentaram o balão em Versalhes, no mês de setembro.³⁵ A notícia do ocorrido e da conquista correu pelos corredores da imprensa e dos periódicos de toda a Europa. Apesar desse avanço ser uma grande conquista,

³⁰ O fascínio de Joseph pelo que hoje chamamos de química, é algo admirável tendo em vista a dificuldade de se fazer experimentos caseiros com minérios e materiais dessa ordem na época. O desenvolvimento das misturas de pigmentos e a confecção de corantes por parte dele foi um marco importante para sua vida, especialmente no que diz respeito ao conhecimento que ele adquiriu no processo. Além disso, a família adquiriu certa fama pelo corante 'azul da Prússia' feito por Joseph e utilizado pela família para tingir tecidos e vendê-los.

³¹ Gillispie, 1983, p. 15.

³² Ibidem. Tradução do autor: "Uma versão ligeiramente mais plausível da história diz que Joseph estava secando roupas íntimas, alguns afirmam que era a camisola da esposa, sobre uma fogueira. O tecido se encurvou e se elevou com o calor. Não seria possível encher um grande saco 'com o mesmo gás' e fazê-lo subir? Segundo um primo, Matthieu Duret, Joseph já vinha refletindo dessa maneira desde pelo menos 1777."

³³ Saint-Fond, M. *Description des expériences de la machine aérostatique de MM. de Montgolfier*. Paris. Impresso por Chez Cuchet. 1-6 p.; 1783.

³⁴ Gillispie, 1983, p. 18.

³⁵ Kim, 2016, p. 24.

mesmo que não intencional, do outro lado do Estreito de Dover, a notícia do feito não foi celebrada.

1.1 A ideia dos balões aterriza em terras inglesas

A ideia de uma máquina voadora chegou a ser noticiada em terras inglesas ainda em 1783, porém, com certo gosto de fel. Talvez esse amargor não tenha uma explicação única ou certa, mas pode estar relacionado ao fato de que alguns periódicos não consideraram aquela invenção digna, ou por não terem construído tal objeto antes dos vizinhos franceses, mas essas são leituras que dependem de uma análise mais ampla que será feita a partir de agora.

Vincent Lunardi foi um entusiasta do conhecimento que, inspirado pelo surgimento do balão de ar quente na França, buscou construir o seu próprio balão em terras inglesas. Nascido em Lucca, na Itália, Lunardi foi incentivado por um parente distante, seu tutor, Gherardo Compagni, que bancou seus estudos e viabilizou sua ida para terras inglesas ainda jovem. Em 1782, o jovem chegou a Londres, onde, no ano seguinte, teve contato com a invenção dos irmãos Montgolfier e, enfim, se dedicou a compreender o balonismo e, por fim, a construir o seu próprio balão. Durante toda a sua jornada de construção e experimentação, escreveu cartas para seu tutor, as quais publicou em 1784, em Londres, em uma obra que reúne todos esses escritos após alcançar o voo muito bem-sucedido no mês de setembro.

Essas cartas nos dão acesso, em primeiro plano, ao universo da chegada dos balões no contexto londrino e de como esse personagem, sem recursos sociais³⁶ e científicos, conquistou o aval da corte inglesa para construir e levantar voo no primeiro balão de ar quente inglês.

A obra apresenta uma estrutura editorial padrão da Época Moderna: abre com uma falsa folha de rosto impressa, contendo título e no exemplar encontrado e analisado a assinatura manuscrita de Vincent Lunardi³⁷ (cf. Figura 3), seguida por uma folha impressa em preto que traz o título, o nome do autor e a *imprenta* (cf. Figura 4). Logo após essa sessão preliminar, encontram-se duas gravuras em metal em páginas consecutivas. A primeira representa o balão de ar quente construído pelo autor, com treze marcações numeradas (cf. Figura 5); a segunda

³⁶ Sobre os “recursos sociais” no século XVIII, ver Roy Porter, *Enlightenment: Britain and the Creation of the Modern World* (2002) no qual o autor discute as redes de sociabilidade urbana, a importância do prestígio local e das conexões em guildas, clubes e salões para a reputação e o sucesso individual. Tais recursos incluíam ser bem conhecido, bem-visto e contar com a boa vontade e o apreço dos concidadãos, formas de capital social típicas da Época Moderna.

³⁷ A assinatura indica proveniência do exemplar: ele pertenceu ao autor. A ausência de outras marcas de proveniência corrobora a ideia de que este exemplar foi conservado desta forma por quem o possuiu posteriormente.

ilustra um maquinário composto por barris, caixotes e cordas que retratam o ambiente em que Lunardi conduziu seus experimentos práticos, a fim de construir a estrutura do protótipo mais segura e eficaz possível (cf. Figura 6).

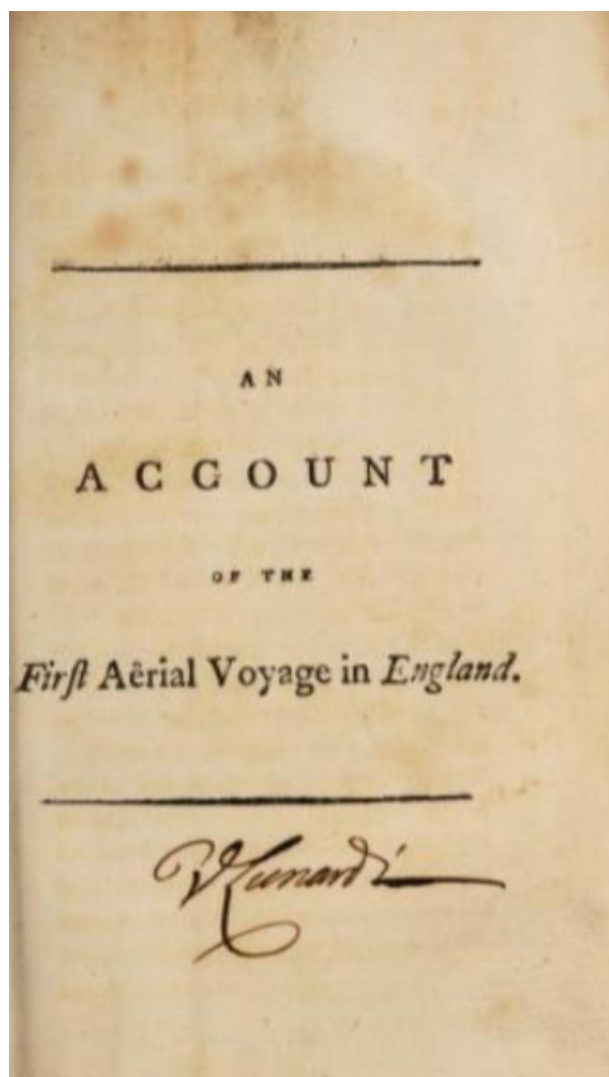


Fig. 3: Falsa folha de rosto contendo assinatura manuscrita de Vincent Lunardi na obra “*An account of the first aërial voyage in England*”. Disponível em: <https://archive.org/details/b30793014/page/n5/mode/2up>

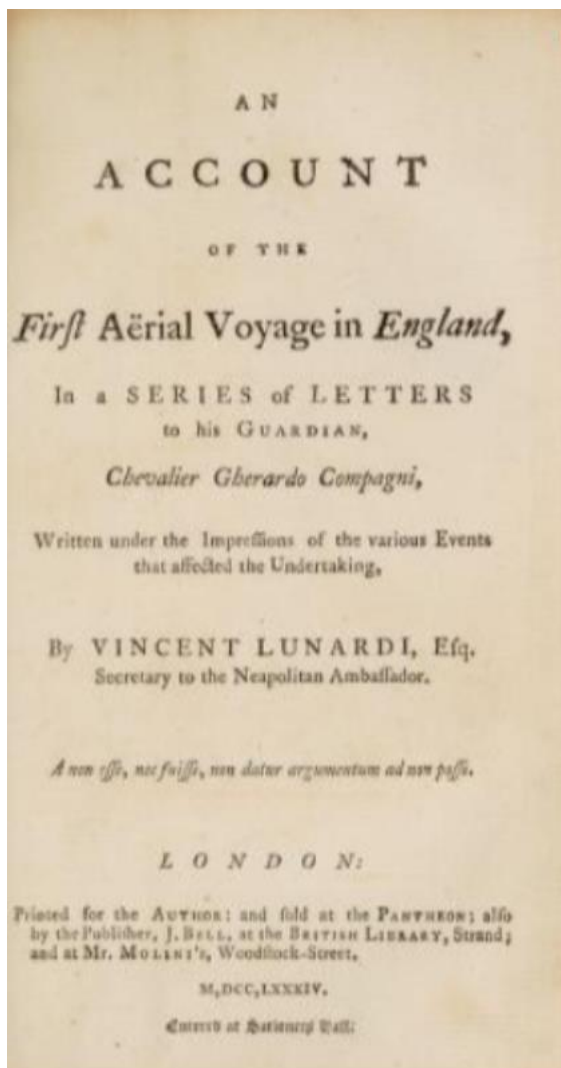


Fig. 4: Folha contendo o título, o nome do autor e a *imprenta* da obra “*An account of the first aërial voyage in England*”. Disponível em: <https://archive.org/details/b30793014/page/n5/mode/2up>



Fig. 5: Gravura em metal representando o balão de ar quente construído por Vincent Lunardi. Disponível em: <https://archive.org/details/b30793014/page/n5/mode/2up>

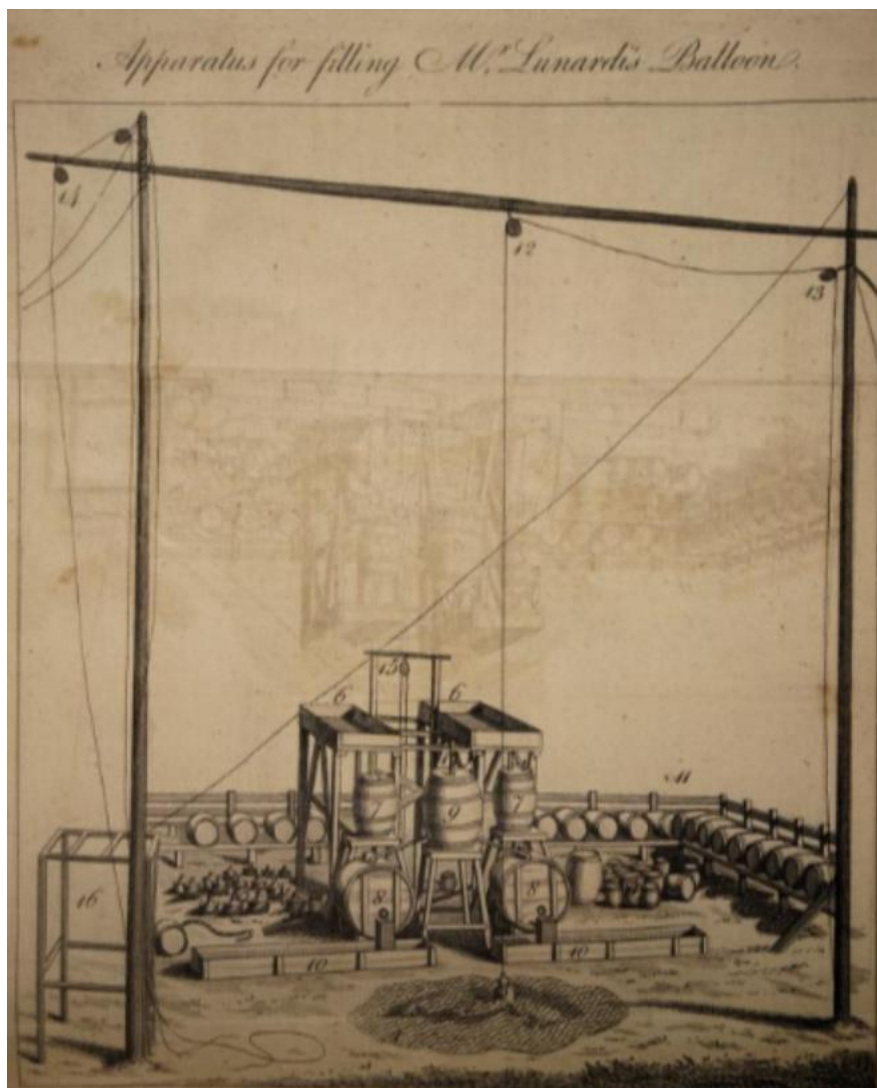


Fig. 6: Impressão em metal representando ambiente de trabalho de Vincent Lunardi. Disponível em: <https://archive.org/details/b30793014/page/n5/mode/2up>

Em seguida, iniciam-se as cartas propriamente ditas. Logo na carta inicial, que abre a obra, surge a problemática desta pesquisa. Vejamos: datada de 15 de julho de 1784, Vincent Lunardi manifesta seu desejo de ser o primeiro a visitar a atmosfera inglesa.³⁸ Porém, ele se atenta a um ambiente pouco convidativo, trazendo à tona o que ele chama de silêncio e indiferença dos filósofos britânicos³⁹ diante das experiências aerostáticas já realizadas na França. Ao analisar esse trecho, fica evidente que Vincent não compreendia as formas como os filósofos ingleses chegavam até publicações ou declarações públicas sobre uma temática ou um feito. O que provavelmente aconteceu foi uma escolha de se afastar, já que organizacionalmente a instituição carecia de um estudioso que se debruçasse sobre as minúcias do feito para além de

³⁸ Lunardi, 1784, p. 3.

³⁹ Idem, p. 1.

só elucidá-lo e por isso evitaram esse debate, mas isso será explicitado de maneira mais robusta ao longo do segundo capítulo quando esta monografia se debruçará especificamente em como os filósofos britânicos reagiram ao surgimento dos balões.

Apesar disso, Lunardi insiste e relata que, embora a Inglaterra e a França se rivalizassem em diversos campos, desde as descobertas científicas até as belas-artes e as manufaturas,⁴⁰ as primeiras notícias sobre os voos franceses chegaram envoltas em rumores exagerados e expectativas românticas, o que gerou uma espécie de melancolia entre os estudiosos ingleses, tradicionalmente reconhecidos pela primazia científica. Entretanto, esse é um juízo de valor bastante apaixonado do balonista que, ao se encantar pela empreitada, buscou validação especialmente no âmbito da *Royal Society*.⁴¹

*The first rumors of Aerial Voyages were so swollen by the breath of fame, and the imaginary advantages to attend them, so rapidly and plausibly multiplied, that the genius of English philosophy, which, since the days of Newton, has born the palm of science, clouded her brows with a kind of sullenness, and perhaps feared for a moment, the ascendancy of her sister.*⁴²

A partir deste ponto, Lunardi segue e passa a descrever toda sua jornada. Seus planos envolviam lançar o balão a partir dos jardins do Hospital Chelsea, espaço que ele mesmo descreve como “pitoresco e propício”⁴³ para o feito. Para viabilizar o evento, Lunardi propôs ao responsável pela instituição, Sir George Howard,⁴⁴ que o excedente financeiro obtido fosse destinado aos inválidos do hospital, estratégia que lhe garantiu não apenas a aprovação, mas também o consentimento do rei para a realização do experimento.

Apesar do fim da carta nos encaminhar para a trajetória prática de Lunardi, o autor nos apresenta a uma problemática, já que é a partir desta primeira parte da fonte que começamos a compreender a recepção de um objeto e as camadas que ela pode ter, Lunardi nos apresenta a

⁴⁰ Idem, p. 2.

⁴¹ Há de se salientar que Lunardi faz referência a Joseph Banks, um dos estudiosos que foi presidente da *Royal Society*, em uma de suas cartas, trazendo a instância de que o mesmo o teria conhecido e validado seus estudos, mas isso não pode ser confirmado por nenhuma outra fonte ou referência. Além disso, ele não especifica se Joseph teve contato com a ideia do balão na carta. Dessa forma, não levaremos isso em conta na presente pesquisa.

⁴² Lunardi, 1784, p. 2. Tradução do autor: “Os primeiros rumores de viagens aéreas foram tão inflados pelo sopro da fama, e as vantagens imaginárias a elas associadas multiplicaram-se tão rápida e plausivelmente, que o gênio da filosofia inglesa, que, desde os tempos de Newton, ostenta a palma da ciência, obscureceu suas sobranceiras com uma espécie de melancolia, e talvez tenha temido por um instante a ascensão de sua irmã.”

⁴³ Idem, p. 3.

⁴⁴ Ibidem.

um silêncio institucional dos filósofos a qual podemos atrelar a essas reações e buscar compreender como isso se desenrolou.

A problemática que se delineia, portanto, diz respeito ao modo como diferentes setores da sociedade inglesa receberam a novidade. Ao explicitar como ele mesmo enxergou esse cenário Lunardi nos deixa uma brecha sobre essa recepção que não pode se limitar ao relato dele. Entre os homens ligados à *Royal Society*, o balão foi acompanhado de perto por alguns, como Benjamin Franklin,⁴⁵ mas ignorado pela maioria,⁴⁶ que o considerava objeto de debate e o via como pouco relevante para o avanço do conhecimento.⁴⁷ Já entre parte dos periódicos londrinos, o feito despertava entusiasmo, funcionando como símbolo de modernidade. Ao mesmo tempo, havia resistência e ironia em outros exemplos da circulação impressa, que questionavam a utilidade prática dos voos e ridicularizavam o caráter performático da empreitada, os quais serão detalhados ao longo do segundo capítulo deste trabalho. Nesse cruzamento de olhares, as cartas de Lunardi se tornam valiosas: não apenas relatam as experiências de um pioneiro, mas também nos mostram que existiram tensões que marcaram a recepção dos balões no ar inglês.

Desse modo, as cartas de Lunardi são, de certa forma, a porta de entrada para a compreensão da temática. Todavia, elas não são o único referencial desta pesquisa, de modo que o capítulo seguinte aborda um estudo mais amplo das fontes documentais do período. A análise dessas fontes lançará as primeiras luzes sobre a recepção que os balões de ar quente encontraram em solo britânico.⁴⁸

Essa evidência de que os ingleses, ou ao menos os veículos de informação se opuseram ao feito e apontaram críticas e sátiras se negando a aceitar o surgimento da invenção ou se opuseram de certa forma a um engrandecimento da mesma não é comumente debatida pela historiografia. Além disso, autores como Leslie Gardner, em sua obra *Man in the clouds*

⁴⁵ É possível ver debates sobre a utilidade, a funcionalidade e a praticabilidade dos balões em algumas cartas de Benjamin Franklin, endereçadas ao presidente da Royal Society à época, Joseph Banks. As cartas podem ser lidas na íntegra no conveniente trabalho de transcrição e digitalização feito pela organização “*Franklin papers*” que bebe de diferentes acervos e organiza a coleção em formato digital gratuito. Essas fontes serão analisadas de forma mais detalhada ao longo do segundo capítulo deste trabalho. Disponível em: <https://www.franklinpapers.org/agree.jsessionid=0ADB541B9E98C618D874B44C78944CAB>

⁴⁶ Rahi, Vannis Jones. *Flying start*. Blog da Royal Society, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://royalsociety.org/blog/2022/04/flying-start/>. Acesso em: 19 de outubro de 2025.

⁴⁷ *Philosophical Transactions of the Royal Society of London Volume 75*. Londres, p. 297, 1785. Essa fonte será analisada com mais detalhes ao longo do segundo capítulo deste trabalho.

⁴⁸ Resistência esta que não se manifestou apenas nas instituições científicas, mas também nas publicações periódicas e até mesmo em jornais que cabem mencionar, mas não analisar profundamente. Trata-se de uma documentação robusta e de difícil acesso remoto, mas que algumas puderam ser analisadas e serão destrinchadas no próximo capítulo.

(1963)⁴⁹, na qual se debate o surgimento dos balões na Inglaterra, não abordam essa peculiaridade.

Pode ser que a explicação para essa ausência seja a rápida mudança de perspectiva. Nos anos seguintes, no fim de 1784 e ao longo de 1785, muitos balonistas ingleses começariam a ganhar visibilidade e a serem vistos por diferentes periódicos⁵⁰ como responsáveis por melhorar a tecnologia francesa, ideia que o próprio Lunardi expõe em suas cartas.

De todo modo, fica evidente que, quando pensamos na tecnologia dos balões de ar quente e no seu surgimento no final do XVIII, a grande maioria da historiografia que se dedica a estudar esse fenômeno foca em observar e destrinchar seu surgimento no contexto cultural francês, em detrimento da recepção em outras localidades. Além desse enfoque, diferentes artigos e estudos, como os de Charles Gillipse (1983)⁵¹, se aprofundam apenas numa perspectiva francesa sobre essa prática, seja essa perspectiva científica, cultural ou política. Ou seja, a grande maioria dos estudos tem um enfoque triunfalista e francês; muitos, inclusive, não exploram nem os embates na própria França. Por fim, alguns estudiosos, como Carrol Glines (1965)⁵², Lennart Ege (1974)⁵³ e Anthony Burton (2019)⁵⁴, por outro lado, se dedicam apenas a compreender a tecnologia em si e seu desenvolvimento relacionado à aviação e à melhoria do que germina como sendo um tipo de transporte aéreo.

Nessa perspectiva mais tradicionalista e triunfalista de observar e escrever sobre o fenômeno dos balões no século XVIII, alguns autores se destacam por abordarem questões que se tornam extremamente relevantes para a temática, já que muitos trabalhos a deixam de lado. Por exemplo, a historiadora Mi Gyung Kim (2016)⁵⁵ chega a este trabalho como uma das únicas figuras que analisa mais amplamente o surgimento da tecnologia dos balões de ar quente e seus desdobramentos que se mostram extremamente relevantes.

Em suas pesquisas, a autora se preocupa em dar espaço a perspectivas que vão além da vitoriosa tradição dos Montgolfier. Nesse ponto, a autora nos apresenta o embate dentro da

⁴⁹ Gardiner, Leslie. *Man in the Clouds: The Story of Vincenzo Lunardi*. Edinburgh: W. & R. Chambers, 1963.

⁵⁰ A prática de colecionismo de William Upcott já descrita anteriormente neste trabalho ao longo da introdução e que será melhor destrinchada ao longo do capítulo seguinte, nos mostra diferentes momentos da recepção dos balões e a partir de 1785 os recortes do colecionador passam a vangloriar os balões de forma mais generalizada do que antes.

⁵¹ Gillipse, Charles Coulston. *The Montgolfier Brothers and the Invention of Aviation, 1783-1784*. Princeton: Princeton University Press, 1983.

⁵² Glines, C. V., ed. *Lighter than Air Flight*. Watts Aerospace Library. New York: Franklin Watts, 1965

⁵³ Ege, Lennart. *Balloons and Airships. World Aircraft in Color*. New York: Macmillan Publishing Co., 1974.

⁵⁴ Burton, Anthony. *Balloons and Airships: a tale of lighter than air aviation*. Barnsley: Pen and Sword Aviation, 2019.

⁵⁵ Kim, Mi Gyung. *The Imagined Empire: Balloon Enlightenments in Revolutionary Europe*. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 2016.

França entre tradições de cientificismo que entram em disputa pela eficácia e autoria do balão que foram, por vezes, anulados e deixados de lado para priorizar a grandiosidade dos irmãos Montgolfier. Kim evidencia que os próprios jornais da época preferiram manter a “superfície plácida” do progresso científico, ocultando debates acalorados e tensões internas que poderiam enfraquecer a autoridade científica francesa.

Public newspapers underplayed the intense competition between the Mongolfists and the Charlists, which frequently erupted as heated debates at the Palais Royal and circulated as vicious gossip in underground newspapers (nouvelles à la main). What became public and what remained hidden of this partisan bickering that has also been erased from the triumphalist historiography on ballooning can tell us how public newspapers maintained the “placid surface” of scientific hegemony by accommodating the existing social hierarchy.⁵⁶

Apesar disso, ainda que traga um debate mais robusto sobre a temática, a autora se concentra fortemente na experiência francesa. Como visto, sua obra elucida caminhos de divergência e de disputas por autoria no próprio território francês. É compreensível que isso seja feito e que essa seja a maneira como os diferentes estudiosos da temática abordam os balões, especialmente quando pensamos na ideia de que dificilmente outras localidades teriam tanta propriedade para falar sobre essa temática e até mesmo se contrapor a ela.

Porém, muito do que era feito na Europa não se continha em fronteiras. No mesmo mês do primeiro voo dos irmãos Montgolfier, diversos periódicos, além dos franceses, já tinham suas próprias visões sobre o experimento.⁵⁷

Assim, fica evidente como observar esse desenvolvimento e seus desdobramentos em diferentes partes da Europa pode se tornar relevante. Apesar disso, a historiografia que se dedica a fazer esse estudo mais aprofundado em perspectivas gerais que vão além da França, não se debruça sob a recepção desse objeto.

Essa lacuna se revela com força nos estudos que abordam o fenômeno balonista de forma panorâmica, como a obra *Balloons and Airships, 1783–1973*, de Lennart Ege (1974). O

⁵⁶ Kim, 2016, p. 90. Tradução do autor: “Os jornais públicos minimizaram a intensa rivalidade entre os montgolfistas e os charlistas, que frequentemente se manifestava em debates acalorados no Palais Royal e circulavam como fofoca maldosa em jornais clandestinos (nouvelles à la main). Aquilo que se tornou público e o que permaneceu oculto dessas disputas partidárias — e que também foi apagado da historiografia triunfalista sobre os balões, pode nos revelar como a imprensa oficial manteve a “superfície plácida” da hegemonia científica ao acomodar a hierarquia social vigente.”

⁵⁷ *Scrapbook of Early Aeronautica*, vol. 1. Londres. p. 27. Numeração feita a partir do documento digital devido à ausência de paginação no original.

autor, apesar de trazer um extenso levantamento cronológico e visual do desenvolvimento dos balões e dirigíveis ao longo de dois séculos, tem como foco principal os avanços técnicos e os marcos históricos. Assim, acaba deixando de lado o debate mais aprofundado sobre a recepção desse objeto.

Da mesma forma, a coletânea *Lighter than Air Flight* (1965), organizada por Carroll Glines, reforça esse caráter narrativo e factual: ao reunir relatos de voos, inventores e feitos memoráveis, a obra se interessa mais pelos personagens e pela aventura do que pela estrutura conceitual ou institucional que poderia desenvolver um teor mais aprofundado da tecnologia dos balões.

Além desse recorte mais geral e, por vezes, técnico, é interessante notar que mesmo nas obras que buscam analisar a gênese dos balões a partir de figuras centrais como os irmãos Montgolfier, como faz Charles Gillispie em *The Montgolfier Brothers and the Invention of Aviation* (1983), a dimensão da recepção do experimento ainda se apresenta como incipiente.

Ou seja, Gillispie também faz parte do recorte de estudiosos que se concentram apenas na perspectiva francesa sobre a invenção e seus desdobramentos, deixando de lado o que para o presente estudo se torna extremamente relevante: a forma como os balões chegaram aos ares ingleses, as motivações que levaram alguns periódicos e instituições dessa sociedade a rejeitá-los ao primeiro ver e posteriormente alcançarem a França no triunfo do voo tripulado. Essa questão manifesta-se com latência, inclusive para compreender questões mais profundas, como o teor cientificista, levantadas ainda durante o século XVIII por Lunardi, por exemplo, mas que ainda não foram destrinchadas na historiografia, ou ao menos nos estudos sobre balões.

Apesar da escassez de estudos focados na recepção do balonismo na Inglaterra do século XVIII, um artigo publicado em 2011 no *Journal for Eighteenth-Century Studies*⁵⁸ trouxe elementos que dialogam diretamente com a problemática investigada nesta pesquisa. Trata-se do artigo *The Progress of Knowledge in the Regions of Air?: Divisions and Disciplines in Early Ballooning* (2011)⁵⁹, da autora Clare Brant, reposiciona o balonismo dentro das disputas epistemológicas do século XVIII. Em vez de tratar os balões apenas como um episódio curioso

⁵⁸ Vale explicitar que este periódico onde o artigo foi encontrado é uma produção acadêmica extremamente robusta que, apesar de ter se concentrado por muito tempo em áreas como história, literatura, ciência, arte e música, contemporaneamente se abre para abordagens que cruzem esses campos com questões diversas, desafiando fronteiras disciplinares e trazendo novas leituras para o século XVIII. Fato que foi efetuado pela audaciosa Clare Brant, literária que explorou a historiografia, as ciências e até pincelou o que os estudiosos de ciências exatas provavelmente teriam como história da ciência.

⁵⁹ Brant, Clare, *The Progress of knowledge in the regions of air. Divisions and disciplines in Early Ballooning* London, England: Oxford University Press, 2011, pp. 71-86.

da história, Brant propõe que eles sejam lidos como operadores simbólicos e materiais de uma ciência emaranhada, uma ciência atravessada por ambiguidades, improvisos, contradições e, sobretudo, por uma relação inconstante com a ordem. Assim, Brant demonstra como os balões deram visibilidade a essa instabilidade: eram, simultaneamente, maravilhas técnicas, objetos de delírio popular, instrumentos de experimentação atmosférica, objetos de desconfiança técnica, instrumentos de questionamento acerca da utilidade de invenções e material para sátiras e ridicularização.

No mesmo artigo,⁶⁰ a autora argumenta ainda que o balonismo evidencia uma das questões centrais do pensamento ilustrado: o que se faz com o que ainda não se sabe? O ar, elemento invisível e impalpável, tornou-se palco de experiências que desafiavam não apenas a gravidade, mas também aquilo que os estudiosos já conheciam e tinham como parâmetro. Ao trazer à tona esse emaranhado de sentidos, o artigo ilumina lacunas ainda pouco exploradas nos estudos sobre a recepção dos balões fora da França e oferece ferramentas conceituais e metodológicas que se aproximam do escopo desta monografia. A leitura de Clare Brant não apenas legitima a investigação em curso, como também aponta para a necessidade de rever os modos como narramos as origens e os limites da receptividade dos balões no século XVIII.

Contudo, embora a autora contribua para a ampliação do debate em torno do balonismo, especialmente ao conectar ciência, política, economia, cultura e literatura, sua análise ainda deixa em aberto o aprofundamento dessas perspectivas, por se tratar de um artigo curto que não tem como objetivo destrinchar essa problemática. Assim, a perspectiva inglesa, marcada por uma postura frequentemente autocentrada e pela cautela de entidades como a *Royal Society*, ainda carece de investigações mais minuciosas. É justamente nesse ponto que esta pesquisa pretende avançar, ao explorar como o fenômeno foi apropriado e debatido no espaço público inglês. A seleção do corpus privilegiou periódicos londrinos do recorte da pesquisa, buscando uma amostragem heterogênea capaz de refletir as diferentes esferas do debate: as *Philosophical Transactions* da *Royal Society*, que expressam o silêncio institucional; o *London Chronicle*, marcado pelo questionamento utilitarista; e a *London Magazine*, que revela a ambivalência entre a crítica científica e a legitimação cultural do objeto. A partir desses impressos, acessados em grande parte através dos scrapbooks de William Upcott, a pesquisa examina como grande parte desses periódicos mesmo reconhecendo os feitos técnicos dos aeronautas, os

⁶⁰ Brant, 2011, p. 74.

transformaram em instrumentos de sátira e zombaria, evidenciando uma retórica específica em relação ao objeto.

A análise documental, portanto, constitui o principal pilar sobre o qual se assentará o capítulo seguinte deste trabalho. Não se trata, no entanto, da análise em sua totalidade, já que as fontes concentram um volume documental robusto, o que torna a análise integral, por ora, impraticável. O objetivo é, na verdade, lançar luz de forma inicial e entender como o surgimento dos balões passou a ser lido dentro de uma lógica que não vangloriou, e sim questionou, sua utilidade, prestígio e função. Tudo isso, no âmbito inglês que começou a ser explorado neste capítulo, mas que continuará sendo aberto.

Essa abordagem dialoga, de forma crítica, com o esforço de figuras como o francês Saint-Fond, que tentou legitimar os experimentos com balões, aproximando-os de uma ciência funcional, prática e de fins utilitários. No contexto inglês, tal tentativa esbarrava em uma tradição científica mais cética quanto à espetacularização da ciência, tradição que se desenvolveu ao longo dos séculos XVII e XVIII⁶¹ e que merece ser explorada com mais profundidade.

A complexidade dessa problemática é imensa, um verdadeiro ninho de lâ difícil de desfazer, pois o balão, ainda que recente como objeto, logo se entrelaça a um longo fio histórico da cultura inglesa. Dentro desse contexto, sua presença evidencia tensões anteriores ao seu surgimento entre ciência, espetáculo e utilidade pública.

Para compreender melhor esse quadro, é necessário mergulhar ainda mais nas fontes da época que registraram a empreitada dos balões de ar quente em solo e nos ares ingleses. Além disso, agora que já compreendemos melhor a forma como o nosso problema se mostra evidente, as lacunas na historiografia e a relevância deste estudo, iniciaremos um panorama que vai além das cartas de Lunardi a fim de tornar o objeto e sua análise mais concreta.

⁶¹ Alguns estudiosos da História das ciências explicitam como a Inglaterra passou por um processo de institucionalização da ciência a partir do século XVII com o surgimento da Royal Society, que será melhor destrinchada mais à frente neste trabalho. Autores como Michael Hunter (1995), em um estudo mais tradicional sobre as práticas científicas inglesas, e outros mais contemporâneos, como William Lynch (2022), que reiteram as ideias anteriormente abordadas e trazem mais robustez a essa questão que passa a ser central para a compreensão do conhecimento no século XVIII, especialmente na Inglaterra.⁶² A projeção do autor sobre sua própria obra é um aspecto recorrente, especialmente em textos de caráter epistolar ou de relato pessoal, como é o caso de Vincent Lunardi. Nessas cartas, observa-se uma tentativa de construir uma imagem de si mesmo e de legitimar sua experiência perante o leitor. Para mais aprofundamento sobre a temática e a ideia de autoria em livros do recorte, consultar: Suarez, Michael; Turner, Michael. *The Cambridge History of the Book in Britain, Vol. 5 1695-1830*, Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 667-684

2. Os ares ingleses

Ao retomar as reflexões desenvolvidas no primeiro capítulo, é possível perceber como o fenômeno dos balões na Inglaterra do final do século XVIII ultrapassa a mera curiosidade técnica e a dimensão do entretenimento. O que estava em jogo era algo mais amplo: a forma como a experimentação era recebida, legitimada ou recusada em diferentes contextos culturais. No caso específico do balonismo, a França inaugurou a novidade com grande prestígio, enquanto as publicações periódicas inglesas responderam com aparente desprezo, fato que Vincent Lunardi já abordou nas primeiras cartas de sua empreitada, vistas no primeiro capítulo deste trabalho.

O documento de Vincent Lunardi, que começou a ser analisado no capítulo anterior, foi central para iluminar esse cenário. As suas cartas não apenas narram a experiência pioneira do primeiro voo bem-sucedido em Londres, mas também expõem, de forma muito direta, as barreiras que ele enfrentou. A análise de parte da fonte mostrou que a recepção da novidade estava longe de ser linear; tratava-se de um processo marcado por resistências. No entanto, ao tomarmos esse documento como fonte, surge uma questão fundamental: até que ponto essas observações refletem de fato o clima cultural da Inglaterra do período, e até que ponto seriam apenas a percepção individual, ou mesmo exagerada, de um protagonista interessado em valorizar as suas dificuldades?⁶²

Essa dúvida exige que a leitura das cartas de Lunardi seja confrontada com outras evidências. É justamente a partir desse ponto que este capítulo se desenvolve. Se no primeiro momento privilegiamos a leitura de Lunardi, agora a intenção é ampliar o conjunto de fontes para compreender como essas dinâmicas se consolidaram e ganharam novos contornos. As cartas de Lunardi abriram porta para essa recepção, evidenciando a visão do autor sobre como “os ingleses”⁶³ foram resistentes a esse objeto; por isso, este capítulo seguirá buscando rastros dessa recepção que podem ou não comprovar o ponto do balonista.

⁶² A projeção do autor sobre sua própria obra é um aspecto recorrente, especialmente em textos de caráter epistolar ou de relato pessoal, como é o caso de Vincent Lunardi. Nessas cartas, observa-se uma tentativa de construir uma imagem de si mesmo e de legitimar sua experiência perante o leitor. Para mais aprofundamento sobre a temática e a ideia de autoria em livros do recorte, consultar: Suarez, Michael; Turner, Michael. *The Cambridge History of the Book in Britain, Vol. 5 1695-1830*, Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 667-684

⁶³ Os ingleses é uma forma generalizada de se referir as diferentes instâncias sociais inglesas do período, apesar disso essa forma foi utilizada pelo próprio Vincent Lunardi e por isso está sendo referenciada desta forma.

Para tanto, este capítulo organiza-se em quatro eixos analíticos principais: primeiro, uma breve análise sobre o cenário francês para fins de contextualização; segundo, a resposta institucional da *Royal Society*, investigando o suposto silêncio mencionado por Lunardi e buscando compreender se de fato isso se verifica nos registros oficiais e correspondências internas da instituição; terceiro, a reação da imprensa periódica, analisada através do contraste entre o *London Chronicle* e *The London Magazine*, periódicos selecionados tanto pela acessibilidade remota quanto pelas perspectivas distintas que oferecem sobre o fenômeno balonista; e quarto, a ressonância política e cultural, examinada através de uma canção e de uma sátira visual que revelam como a retórica sobre os balões ecoou em diferentes formatos. Cada uma dessas esferas, como se verá, processou a novidade conforme seus próprios critérios de validade e legitimidade.

Antes de adentrarmos especificamente no caso inglês, é instrutivo contrastá-lo brevemente com o contexto francês, tendo em vista que foi na França onde os balões voaram pela primeira vez em 1783, graças aos experimentos dos irmãos Montgolfier, e, desde então, tornaram-se fenômenos de massa. Os relatos franceses são praticamente unânimes ao descrever o entusiasmo quase febril que acompanhava cada ascensão.⁶⁴ Quando os irmãos realizaram uma demonstração pública em Versalhes no decorrer do mês de setembro, o evento foi tratado como uma questão de Estado⁶⁵ (cf. Figura 7). Luís XVI e Maria Antonieta não apenas patrocinaram experiências, mas também compareceram pessoalmente,⁶⁶ transformando os voos em eventos da corte.

⁶⁴ Gillispie, 1983, pp. 40-43.

⁶⁵ Kim, 2016, p. 58.

⁶⁶ Gillispie, 1983, p. 38.



Fig. 7: Gravura em metal que representa o momento em que os irmãos Montgolfier voaram em um balão de ar quente em Versailles, em 1783, na obra *Description des expériences de la machine aérostatique de MM. de Montgolfier*. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8615776x/f16.double>

Na obra da qual a figura acima foi retirada, do autor Barthélemy Faujas de Saint-Fond, *Description des expériences de la machine aérostatique de MM. de Montgolfier*, publicada em Paris em 1783, o autor se dedica a deixar registrado, de forma clara e confiável,⁶⁷ o que ele chamava de “descoberta surpreendente” das máquinas aerostáticas dos irmãos Montgolfier.

⁶⁷ A palavra “confiável” é utilizada pelo próprio autor para explicitar seu interesse por aquilo que ele considera um relato verdadeiro e próximo do real. Para um detalhamento do que o autor apresenta como confiável, ver Saint-Fond, Barthélemy Faujas, 1783, p. V.

*Cette étonnante découverte, dont on ne trouve aucune trace dans l'antiquité, est une de celles que l'effort de l'esprit humain paroît avoï de tout le monde.*⁶⁸

A obra contempla artigos do próprio autor sobre eventos que envolveram balões de ar quente, bem como experimentos em torno do objeto, para além da análise e dos comentários pessoais do autor sobre cada tópico abordado. O autor inicia a obra com um discurso preliminar que apresenta sua visão sobre os balões de ar quente, evidenciando os detalhes das experiências com as quais ele teve contato e explicitando a ideia de que, por mais impressionantes que esses experimentos parecessem, ainda eram pouco conhecidos, cheios de versões vagas e até contraditórias. Inclusive ele aponta que “essa experiência parecia tão inacreditável àqueles que iam ser suas testemunhas, que até as pessoas mais instruídas, e mesmo as mais favoravelmente dispostas, duvidavam quase, sem hesitar, de seu êxito.”⁶⁹ Por isso, ele se propôs a resolver esse problema e, ao mesmo tempo, apresentar relatos de voos na França e explicar as atribuições científicas dessa invenção.

Apesar desse caráter mais científico que o autor se propôs a trazer, utilizaremos, por ora, essa fonte apenas para situar a repercussão dos balões na França, já que suas descrições apontam para a popularização dos voos e da própria ideia do balão.⁷⁰

*Jamais spectacle si nouveau et si beau ne s'offrit à nos yeux. Nous le vîmes pendant quelque temps rester immobile, puis redescendre, puis s'élever de nouveau. Enfin, nous le perdîmes de vue.*⁷¹

Ademais, a obra permite perceber que, inicialmente, os balões não eram um ponto focal da ciência, sendo o próprio autor um dos primeiros a tentar direcionar a invenção para o campo das investigações do conhecimento. Além desse exemplo, outras fontes francesas do mesmo período nos apresentam essa prática na qual o balão se tornava um entretenimento de massa e não um objeto do conhecimento. Alguns jornais como *Gazzete D'agriculture, commerce,*

⁶⁸ *Description des expériences de la machine aérostatique de MM. de Montgolfier*. Paris, 1783, p. IV. Traduzido pelo autor: “Esta descoberta surpreendente, da qual não se encontra vestígio na antiguidade, é uma das que o esforço da mente humana parece ter tornado a mais recente, embora seu princípio seja simples e esteja ao alcance de todos.”

⁶⁹ Tradução do trecho original, Saint-Fond, Barthélemy Faujas, 1783, p. 5: *Cette expérience paroïffoit fi incroyable à ceux qui alloient en être les témoins, que les perfonnes les plus instruites, celles même qui étoient le plus favorablement prévenues, doutoient prefque, fans balancer, de fon fuccès.*

⁷⁰ Saint-Fond, Barthélemy Faujas, 1783, p. xix.

⁷¹ Saint-Fond, Barthélemy Faujas, 1783, *Description des expériences de la machine aérostatique de MM. de Montgolfier*. Paris, 1783, p. 27. Traduzido pelo autor: “Jamais espetáculo tão novo e tão belo se ofereceu aos nossos olhos. Nós o vimos, durante algum tempo, permanecer imóvel, depois descer de novo e, depois, elevar-se novamente. Enfim, perdemo-lo de vista.”

finances et arts,⁷² *Journal de Troyes & Champagne méridionale*⁷³ e o *Gazette de France*⁷⁴ fizeram publicações com esse teor de espetacularização sobre o acontecimento, além de movimentarem a empreitada dos balões vangloriando o feito em edições futuras.⁷⁵ Ou seja, o que se viu no cenário de publicações francesas não se refletiu no cenário inglês como o próprio Lunardi levantou e como veremos a partir de agora.

2.1 A Reação na *Royal Society*

Quando Lunardi descreveu em suas cartas o afastamento e a indiferença dos filósofos ingleses, sua observação encontrou eco nos arquivos da própria *Royal Society*, sociedade na qual os ditos “filósofos ingleses” se reuniam.⁷⁶

Ao vasculhar os impressos e registros da instituição no período logo após o surgimento dos balões na França, de 1783 a 1785, o que se encontra são, na melhor das hipóteses, menções vagas e laterais aos balões, em especial em passagens de estudiosos que escreveram sobre o ar e suas propriedades. Por exemplo, o artigo *Experiments and observations relating to air and water*,⁷⁷ publicado no *Philosophical Transactions of the Royal Society of London, Volume 75*, de 1785, cujo autor, Joseph Priestley, menciona vagamente os balões ao falar do ar inflamável.

*The inflammable air produced in this manner is of the lightest kind, and free from that very offensive smell which is generally occasioned by the rapid solution of metals in oil of vitriol; and it is extricated in as little time in this way as it is possible to do it by any mode of solution. On this account it occurred to me, that it must be by much the cheapest method that has yet been used of filling balloons with the lightest inflammable air.*⁷⁸

Ou seja, não há registros de um debate substantivo nos *Philosophical Transactions*. O que Lunardi abriu como sendo um silêncio institucional que nos levou a crer que poderia ser um ceticismo, prova-se aqui como um ponto de cautela para a instituição. Este afastamento torna-se ainda mais significativo quando contrastado com o espaço que a *Royal Society* outrora

⁷² *Gazzete D'agriculture, commerce, finances et arts*, Paris, nº 78, 1783, p. 621

⁷³ *Journal de troyes & champagne méridionale*, Paris, nº 43, 1783, p. 173

⁷⁴ *Gazzete de France*, Paris, nº 75, 1783, p. 390.

⁷⁵ Kim, 2016, p. 74.

⁷⁶ Coppola, Al, 2016, pp. 23-31.

⁷⁷ Tradução do autor: Experimentos e observações relativos ao ar e à água.

⁷⁸ *Philosophical Transactions of the Royal Society of London Volume 75*. Londres, 1785, p. 297. Traduzido pelo autor: O ar inflamável produzido desse modo é do tipo mais leve e isento daquele cheiro muito ofensivo que geralmente é ocasionado pela rápida dissolução de metais em óleo de vitríolo; e é liberado tão rapidamente dessa forma quanto é possível fazê-lo por qualquer outro método de dissolução. Por esse motivo, ocorreu-me que este deve ser, de longe, o método mais barato até agora utilizado para encher balões com o ar inflamável mais leve.

concedeu a invenções e ideias que, à primeira vista, poderiam ser igualmente tidas como especulativas ou "espetaculosas".

Nas páginas publicadas no final do século XVII, por exemplo, é possível encontrar desde uma proposta detalhada para a construção de asas de madeira mecânicas para voo humano⁷⁹ até discursos teóricos sobre a possibilidade de um navio voador⁸⁰ muito parecido com o protótipo de Lana Terzi apresentado no primeiro capítulo. O fato de que propostas como essas, que poderiam facilmente ter sido consideradas implausíveis ou francamente fantasiosas, tenham recebido o estatuto de debate formal na principal sociedade científica inglesa, enquanto os balões, uma tecnologia que efetivamente voava, foram sistematicamente ignorados, é profundamente revelador.

Apesar disso, uma das análises sobre esse silêncio nas publicações da instituição é que, na verdade, ela era muito cautelosa em relação a tudo o que se posicionava. Ou seja, não necessariamente esse silêncio era um descaso ou uma melancolia, como propôs Lunardi em suas cartas, mas sim uma relação que dependia de um membro ou de um conselho dentro da instituição que tivesse propriedade para falar sobre a temática.

Nesse sentido, fica evidente que, sim, o silêncio que Lunardi trouxe foi realmente comprovado; ou seja, as fontes analisadas convergem nesse ponto. Todavia, como analisado, esse silêncio não pode ser lido como deliberado desprezo, além disso, limitar a análise às publicações oficiais, tornaria esta pesquisa incompleta. Assim, após a análise do que se tornou público por meio da instituição, foi necessário explorar outras camadas desse círculo de intelectuais.

A chegada dos balões de ar quente ao conhecimento da *Royal Society* desencadeou uma resposta complexa. Embora o invento capturasse a imaginação pública como algo digno de repercussão e comentários, sua acolhida no seio dos membros dessa sociedade foi marcada por um misto de curiosidade, debates internos e distanciamento público. Analisando as redes de correspondência disponíveis nos repositórios virtuais da instituição, percebe-se que o artefato

⁷⁹ *An account of the Sieur Bernier's way of Flying. Containing the extract of a letter written from Monsieur Toynard, concerning a machin newly invented for flying in the air, by the Sieur Besnier*. Philosophical Transactions of the Royal Society, vol. 14, p. 727-729, 1679. Disponível em: <https://doi.org/10.1098/rscl.1679.0005>. Acesso em: 28 set. 2025.

⁸⁰ *A demonstration, how it is practically possible to make a ship, which shall be sustained by the air, and may be moved either by sails or oars*. Philosophical Transactions of the Royal Society, vol. 14, p. 730-731, 1679. Disponível em: <https://doi.org/10.1098/rscl.1679.0006>. Acesso em: 28 set. 2025

foi acompanhado de perto por uma minoria, com destaque para Benjamin Franklin,⁸¹ mas foi largamente ignorado pela maioria de seus pares.

Foi durante esse levantamento e análise que se encontrou o trabalho de Vannis Jones Rahi (2022)⁸² membro contemporâneo da *Royal Society* que escreveu um artigo sobre o surgimento dos balões de ar quente cuja leitura nos leva a crer que os balões foram acompanhados desde seu surgimento por Franklin, que foi o responsável por levar a notícia aos colegas da *Royal Society*.

A partir disso, essa pesquisa buscou identificar as correspondências do americano no recorte desta pesquisa, a fim de compreender melhor essa rede interna de contato e recepção na instituição. Assim, encontrando estas fontes nos repositórios da instituição, mas também no acervo dedicado solenemente as correspondências de Franklin, foi possível perceber que, logo no mês posterior ao primeiro voo documentado dos irmãos Montgolfier, Franklin relatou com entusiasmo o acontecido a Joseph Banks,⁸³ ao passo que Banks respondeu também com entusiasmo, mas solicitando que seu correspondente o mostrasse as minúcias do experimento para além de sua grandiosidade. Neste ponto, Franklin demora a retornar e quando retorna explicita:

*The Public were promised a printed particular Account of the Rise and Progress of the Balloon Invention, to be published about the End of last month. I waited for it to send it to you, expecting it would be more satisfactory than anything I could write; but it does not appear. We have only at present the enclosed Pamphlet, which does not answer the expectation given us. I send you with it some prints. That of the Balloon raised at Versailles is said to be an exact representation.*⁸⁴

Esse conjunto de cartas trocadas, hoje disponível na coleção digital *Franklin Papers* e nos repositórios da *Royal Society*, evidencia uma dimensão pouco visível do funcionamento interno da instituição. As correspondências mostram que havia discussões sobre o balão entre

⁸¹ Rahi, Vannis Jones. *Flying start*. Blog da Royal Society, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://royalsociety.org/blog/2022/04/flying-start/>. Acesso em: 19 de outubro de 2025.

⁸² Ibidem.

⁸³ Benjamin Franklin para Joseph Banks, 30 de agosto de 1783, in *The Papers of Benjamin Franklin*, <https://franklinpapers.org> acesso em 20 de outubro de 2025.

⁸⁴ Benjamin Franklin para Joseph Banks, 08 de outubro de 1783, in *The Papers of Benjamin Franklin*, <https://franklinpapers.org> acesso em 22 de outubro de 2025.

Traduzido pelo autor: Ao Público foi prometida uma Narrativa impressa e pormenorizada da Gênese e do Progresso da Invenção do Balão, que seria publicada cerca do final do mês passado. Esperei por ela para enviá-los, na expectativa de que seria mais satisfatória do que qualquer coisa que eu pudesse escrever; mas ela não apareceu. Temos, no momento, apenas o Panfleto incluso, que não corresponde à expectativa que nos foi dada. Envio-vos, junto com ele, algumas gravuras. Diz-se que a do Balão erguido em Versalhes é uma representação fiel.

seus membros, mas que essas discussões não alcançavam o espaço público representado, sobretudo, pelas *Philosophical Transactions*. Em outras palavras, o debate existia, mas permanecia restrito às redes privadas de comunicação entre os *fellows*.⁸⁵ Essa distância entre o interesse individual e o reconhecimento público indica uma recepção ambígua: o fenômeno era acompanhado e comentado, mas não considerado robusto o suficiente para figurar nas publicações oficiais.

A respeito disso, é interessante ressaltar que houve certa mobilização de Joseph Banks para que houvesse uma publicação de Franklin sobre o tema nas *Transactions*, mas ele mesmo explicou ao colega em uma das cartas que a falta de atualizações sobre o que e como estavam sendo feitos os experimentos em torno do objeto fazia com que os escritos de Franklin se tornassem desatualizados e passíveis de não serem aprovados para publicação.⁸⁶

Ou seja, a análise do silêncio institucional, feita anteriormente a partir das publicações oficiais, se confirma no plano privado das correspondências entre estes dois *fellows*: não existia um distanciamento relacionado a melancolia ou desinteresse, mas sim, da falta de autoridade e por vezes do distanciamento do próprio objeto já que o mesmo era francês e estava distante dos estudos dos membros da instituição.

Neste ponto do distanciamento, as correspondências entre Banks e Franklin também evidenciam um certo tom de ironia em relação à invenção francesa. Em uma das cartas de resposta enviadas já no fim do ano de 1783, Banks confessa que não levou a sério a invenção em primeira instância, porém agora o faria já que levar homens ao céu era de fato algo digno de atenção.⁸⁷ Vejamos:

*The Experiment becomes now interesting in no small degree. I laugh when Balloons of scarce more importance than Soap bubbles occupied the attention of France but when men Can with safety pass and do pass more than 5 miles...*⁸⁸

⁸⁵ O termo *fellows* veio do nome oficial dos membros da *Royal Society*, que, desde o século XVII, são formalmente chamados *Fellows of the Royal Society*. É o título concedido aos estudiosos eleitos para integrar a instituição como membros titulares.

⁸⁶ Joseph Banks para Benjamin Franklin, 07 de novembro de 1783, in *The Papers of Benjamin Franklin*, <https://franklinpapers.org> acesso em 22 de outubro de 2025.

⁸⁷ Vale ressaltar que essa postura de confissão e de interesse pela nova tecnologia pode ser relacionada a tentativas inglesas de voar já que em dezembro de 1783 Francesco Zambecari tentou fazer experimentos próximos aos feitos pelos irmãos Montgolfier. Apesar disso o balonista fracassou e a Inglaterra seguiu sem balões.

⁸⁸ Joseph Banks para Benjamin Franklin, 28 de novembro de 1783, in *The Papers of Benjamin Franklin*, <https://franklinpapers.org> acesso em 22 de outubro de 2025.

Traduzido pelo autor: “O experimento torna-se agora interessante em alto grau. Ri quando balões de pouca mais importância do que bolhas de sabão ocuparam a atenção da França, mas quando homens podem, e de fato podem alcançar mais de 8 quilômetros...”

Isso mostra que o silêncio escancarado por Lunardi em suas cartas e o verificado afastamento da *Royal Society* da temática balonista podem ser vistos menos como uma deliberada falta de prestígio e novamente como uma análise cautelosa conferida ao instrumento que havia sido pouco analisado pelos membros. Ao passo que esse silêncio pode ser lido não como uma delimitação contrária ao balão, mas sim como um exemplo de como as publicações vinculadas à instituição passavam por um crivo de dimensões maiores do que a mera curiosidade. A instituição, nesse sentido, parece ter adotado uma estratégia de não-engajamento, tratando a novidade não como um desafio científico a ser examinado, mas como algo externo, alheio às suas investigações e, portanto, fora do foco das publicações oficiais.

2.2 *Cui bono*,⁸⁹ a recepção na imprensa londrina

Se a *Royal Society* manteve um perfil de cautela institucional, reservando seu interesse aos círculos privados de correspondência, o mesmo não se pode dizer da esfera pública dos periódicos ingleses. Enquanto os filósofos naturais silenciavam publicamente, esses impressos londrinos transformaram os balões em tema de debate aberto. É justamente nesse espaço de circulação impressa, menos restrito e mais sintonizado com os humores do público letrado, que passamos a analisar, confrontando as visões contrastantes do *London Chronicle* e da *The London Magazine*.

Vejamos: a fonte *Scrapbook of Early Aeronautica*, vol. 1, é material extremamente relevante, recolhido por William Upcott (1779-1845), um bibliotecário e antiquário inglês, que, em vida, produziu uma rica coleção de gravuras, recortes de jornais, revistas, manuscritos e folhetos, publicados em vários formatos, relacionados aos primeiros anos da aeronáutica, principalmente ao balonismo.⁹⁰ Essa coleção, dividida em três volumes, abrange desde manuscritos até recortes de impressos com notícias, informações e relatos sobre o balonismo.

É importante salientar que a coleção se concentra especialmente no registro inglês sobre voo, tornando-se ainda mais relevante para a compreensão da chegada dessa nova tecnologia nesse recorte. A análise do primeiro volume de Upcott confirmou a desconfiança que os

⁸⁹ *Cui bono*: substantivo. Do latim *cui bo-no* 'kwē-'bō-(,)nō. 1: um princípio segundo o qual a responsabilidade provável por um ato ou evento recai sobre alguém que tem algo a ganhar. 2: utilidade como princípio na estimativa do valor de um ato ou política. MERRIAM-WEBSTER. *Cui bono*. In: *Merriam-Webster Dictionary*. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/cui%20bono> Acesso em: 6 jun. 2025.

⁹⁰ Fato curioso sobre a fonte é que, William Upcott produziu três volumes de cortes e colagens sobre a temática. Ele os fez de forma tão minuciosa que, no primeiro volume referenciado, existe uma seção com a obra de Vincent Lunardi colada na íntegra.

ingleses nutriam pelos balões. Para além da carta de Lunardi já mencionada, outros artigos e recortes da coleção questionavam a real utilidade da novidade.

A primeira crítica encontra-se no recorte de 1784 do periódico *The London Chronicle*, preservado⁹¹ na coleção de William Upcott. Esse recorte, de maneira incisiva, questiona a utilidade do balão com a expressão latina *cui bono?*⁹², isto é, “a quem serve?” ou “quem se beneficia?”. Colocando em perspectiva a ideia de que os balões não eram úteis e, portanto, não deveriam ser dignos de investimento científico ou, como ele mesmo o afirma, de “empreendimentos liberais”, ou seja, monetários.

O autor desse texto, encontrado na fonte, também pontua que investir no avanço dessa tecnologia não se justificava, pois os balões eram caros, frágeis e de curta duração, exigindo grandes somas de dinheiro para experimentos que se dissipavam em poucas horas. Além disso, ele destacou a falta de materiais capazes de conter o ar inflamável de forma duradoura, a dificuldade de controlar o balão no próprio meio em que flutua, ao contrário de um navio impulsionado por outro elemento,⁹³ e a limitação prática de sua aplicação. Por fim, a crítica se voltava também, e sobretudo, para a espetacularização das ascensões, vistas como uma degradação de iniciativas que deveriam estar voltadas ao verdadeiro progresso do conhecimento.

*But cui bono, is the question that has given offence. I am sorry for it; but instead of withdrawing it, I must repeat it. Even if we had acquired the art of navigating a balloon in the air as perfectly as a ship in the ocean, the application cannot be very extensive, if every balloon is to cost four or five hundred pounds; and is, when perfected, of so transitory an existence.*⁹⁴

Além desse, na mesma coleção, surge uma crítica anônima, também vinculada ao periódico *London Chronicle* que questiona a validade da "filosofia" dos aeronautas:

Insensible to the dignity of genuine knowledge, and who, under the imposing presence of respect and gratitude, mislead the generous

⁹¹ O periódico pôde ser citado apenas graças ao acesso a esta coleção específica, uma vez que a edição não foi localizada em formato digital em outros repositórios.

⁹² O fato de a frase estar em latim pode indicar também que o questionamento levantado visava alcançar principalmente leitores capazes de compreender a língua e de refletir sobre o propósito da invenção, ou seja, um público letrado para além do inglês.

⁹³ Ao contrário do navio, movido por vento ou corrente, o balão deve enfrentar o desafio de se deslocar dentro do próprio ar que o sustenta.

⁹⁴ *Scrapbook of Early Aeronautica, vol. 1*. Londres. Recortes da coleção pessoal de William Upcott. Traduzido pelo autor: Mas *cui bono* é a questão que causou ofensa. Lamento por isso; mas, em vez de retirá-la, devo repetí-la. Mesmo que tivéssemos adquirido a arte de navegar um balão no ar tão perfeitamente quanto um navio no oceano, sua aplicação não poderia ser muito extensa, se cada balão custar quatro ou quinhentas libras e for, quando perfeito, de tão efêmera existência.

*unsuspecting credulity of the public, by pretending to advance the noble cause of philosophy, without the ability to give a rational answer to the simplest question of a scientific nature.*⁹⁵

Essas aparições reforçam a percepção trazida por Lunardi vista no primeiro capítulo deste trabalho. A ideia de que, para certa parte do público letrado na Inglaterra, a inovação tecnológica só ganharia legitimidade se pudesse responder a um propósito prático, a uma empiria ou a uma necessidade social claramente identificada, a análise pode ir além, já que esta crítica transcende o mero questionamento técnico, revelando um utilitarismo característico. A comparação com navios da fonte analisada, por exemplo, não aparenta ser casual já que estes dominavam um elemento comercialmente vital para a Grã-Bretanha, e os balões, por sua vez, representavam um investimento em um meio sem aplicação prática evidente nem mesmo ao comércio e também não a ciência já que a segunda passagem transmite essa ideia de que a filosofia dos aeronautas também não tinha propósito.

Enquanto o *London Chronicle*, insistia na pergunta “*cui bono?*”, outros periódicos buscavam apenas contemplar a maravilha que subia aos céus e alguns tentaram dar um enquadramento intelectual ao fenômeno, mas não necessariamente o validar. Um caso exemplar desse limiar é o da revista *The London Magazine*.⁹⁶ Ao analisarmos a versão estendida e compilada do ano de 1784, no segundo volume que engloba todas as edições entre os meses de janeiro a junho, foi notável como a publicação demonstrou a ambivalência do momento já que, em um mesmo volume, surgem os dois lados de uma mesma moeda.

Por um lado, um artigo publicado na coluna intitulada “*Philosophical Intelligence*” refletia o ceticismo predominante entre os ingleses ao dedicar espaço no periódico a vozes contrárias ao entusiasmo em torno dos balões. A coluna reproduzia integralmente uma carta enviada por um leitor, que mencionava a circulação de panfletos⁹⁷ críticos ao novo invento e,

⁹⁵ *Scrapbook of Early Aeronautica*, vol. 1. Londres. Recortes da coleção pessoal de William Upcott. Traduzido pelo autor: “Que são insensíveis à dignidade do conhecimento genuíno, e que, sob a aparência enganosa de respeito e gratidão, iludem a generosa e ingênua credulidade do público, fingindo promover a nobre causa da filosofia, sem sequer ter a capacidade de dar uma resposta racional à mais simples questão de natureza científica”

⁹⁶ Ainda que este não seja o único periódico a evidenciar a ambiguidade do balão entre a ciência e o espetáculo, ele foi selecionado como objeto de análise em função das limitações de tempo, de extensão e de acesso às fontes.

⁹⁷ O periódico explicita parte do panfleto que circulou tanto na Inglaterra quanto na França que dizia: *Vont-ils lancer au-delà du tonnerre, Le dompteur fier des elements? Je vous jure, Messieurs, qu'on verra Ils vont se traiter sur la terre*. Ou em tradução livre: Vão eles lançar-se além do trovão, o domador soberbo dos elementos? Eu lhes juro, Senhores, que se verá: Eles vão se esborrachar na terra.

Para melhor compreensão do gênero de impressos que circulavam na época moderna, em especial na Inglaterra, ver: Raymond, Joad. *Pamphlets and Pamphleteering in Early Modern Britain*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2003.

em tom igualmente desconfiado, relatava um episódio que ilustra como as experiências mal-sucedidas alimentavam discursos de caráter antibalonista, termo empregado na própria fonte.

Na narrativa apresentada, a imprudência dos balonistas em desconsiderar o conselho de *Pilâtre du Rosier* resultou em um desastre, reforçando a percepção de que o balonismo carecia de fundamentos técnicos sólidos e expunha seus praticantes a riscos desnecessários. Além disso, a carta relata que uma promessa de um balonista de viagem rápida até Paris foi frustrada pela força dos ventos, evidenciando, mais uma vez, a fragilidade das pretensões de utilidade prática atribuídas ao balão. A explosão em pleno ar e a queda dos tripulantes intensificam o tom trágico do relato, sugerindo que, caso o acidente tivesse ocorrido sobre uma área habitada, os danos poderiam ter sido ainda maiores. Por fim, a tentativa dos partidários favoráveis aos balões de justificar o fracasso, classificada pelo autor da carta como um “pretexto falso”, revela um ceticismo crescente diante das estratégias retóricas empregadas para disfarçar os limites e os perigos da experiência aerostática. Vejamos:

*The aerial navigators, contrary to the advice of M. Pilatre du Rosier, mounted in the gallery of the balloon on the 19th, and flattered themselves they should reach Paris in six hours; but the designs of mankind are often defeated by the wind. At half an hour after twelve, the cords which held the aerial machine were cut, and it mounted immediately to the height of above 400 fathoms. When they were at this great distance from the earth, the balloon burst with an explosion, and the two human birds descended much quicker than they ascended; nevertheless, their fall was not attended by any material accident, as they fell on high ground. M. de Montgolfier, who was slightly bruised, and his companion the machine burst near the Rhone, or any buildings they must have inevitably perished. The possibility, put an end to by this last caput de théâtre. Those who are of M. Montgolfier's party affirm, that M. de Flesselles had informed the voyagers of the precise time when they were to return to earth, which was twenty minutes, but it is merely a specious pretence, to disguise the real fate of the disaster.*⁹⁸

⁹⁸*The London Magazine Enlarged and Improved, Volume 2.* Londres, 1784, p. 147. Traduzido pelo autor: “Os navegadores aéreos, contrariamente ao conselho do Sr. Pilatre du Rosier, embarcaram na galeria do balão no dia 19, e lisonjeavam-se de que chegariam a Paris em seis horas; mas os desígnios da humanidade são frequentemente frustrados pelo vento. Às doze e meia, as cordas que seguravam a máquina aérea foram cortadas, e ela subiu imediatamente à altura de mais de 500 braças. Quando estavam a essa grande distância da terra, o balão explodiu com um estrondo, e as duas aves humanas desceram muito mais rápido do que subiram; entretanto, sua queda não foi acompanhada por qualquer acidente grave, pois caíram num terreno alto. O Sr. de Montgolfier, que ficou levemente contundido, e seu companheiro... (a máquina estourou perto do Ródano, ou de quaisquer edifícios, eles teriam inevitavelmente perecido). A possibilidade... foi encerrada por esta última. Aqueles que são do partido do Sr. Montgolfier afirmam que o Sr. de Flesselles havia informado os viajantes do momento exato em que deveriam retornar à terra, que era de vinte minutos, mas é meramente um pretexto falso para disfarçar o destino real do desastre.”

Por outro lado, a própria revista dedicou mais de vinte páginas a relatos que detalhavam as tentativas de ascensão em balões, tanto as francesas quanto as inglesas. A revista não apenas publicou ilustrações de diferentes modelos do objeto, mas também abriu suas páginas a uma variedade de relatos sobre os feitos aerostáticos. O ápice deste esforço descritivo foi a criação de uma seção específica, intitulada explicitamente “Balões de Ar” (cf. Figura 8) que ocupou as páginas 442 a 451. Esta coluna, inteiramente dedicada ao tema, reunia narrativas diversas sobre ascensões e experimentos, com foco na magnitude dos feitos e no fascínio público que geravam. Ao fazê-lo, a publicação realizava um gesto crucial: mesmo sem necessariamente endossar os balões, ela os legitimava como um fato cultural de grande relevância, que merecia ser documentado e compreendido em sua dimensão, qual fosse.

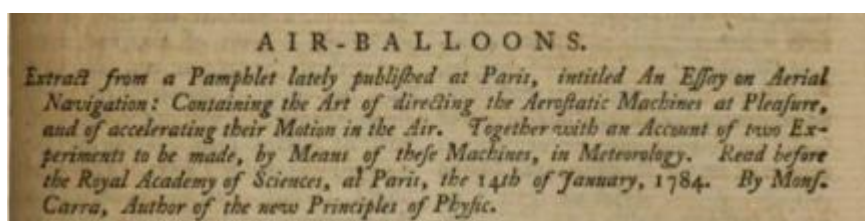


Fig. 8: Parte da seção "Balões de ar" encontrada no periódico *The London magazine enlarged and improved* v. 2 de 1784. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044089251987>

Apesar disso, o primeiro exemplo do periódico optou por inserir o debate justamente na sua coluna sobre filosofia o que mostra o fato da temática já permear as entranhas dos debates sobre conhecimento para além do alvoroço espetaculoso. Ao passo que o periódico se torna uma faca de dois gumes que, ao mesmo tempo em que questiona a invenção, fornece munição para seu engrandecimento aos leitores.

Em contraste com o ceticismo do *London Chronicle*, a *The London Magazine* adota uma postura mais complexa que interpretamos como ambivalência. Por um lado, sua coluna *Philosophical Intelligence* ecoa o tom crítico ao reproduzir cartas de leitores que ridicularizam acidentes aerostáticos e se alinha ao tom do primeiro periódico, mas não se limita a isso, ao contrário, paradoxalmente a mesma publicação abre espaço para a empreitada, ou seja, este duplo movimento revela uma postura editorial distinta: a revista não necessariamente endossa os balões, mas os legitima como fenômeno cultural digno de registro, independentemente de seu valor científico enquanto o jornal anteriormente analisado lateraliza os balões como algo sem valor ou serventia alguma deslegitimando-os.

2.3 O medo e o riso

Como visto anteriormente, Upcott produziu três volumes de recortes. É no segundo volume que esbarramos com recortes que corroboram uma ideia de Vincent Lunardi ainda não abordada nesta monografia. Vejamos primeiro a fonte em Upcott. A imagem (cf. Figura 9) nos mostra uma representação do que seria “o balão de Moret que voaria no dia 10 de agosto de 1784 perto da *Buckingham House*”, ou seja, um balonista que poderia ter voado em terras inglesas antes de Lunardi, o que colocaria por terra toda pesquisa construída até este ponto.

Apesar disso, ao entrar em contato com esta fonte, surgiu o questionamento sobre quem era o balonista em questão, ao passo que, ao rememorar a fonte que primeiro foi mobilizada nesta pesquisa, as cartas de Lunardi, houve uma junção de fatos que corrobora ainda mais a problemática trabalhada.

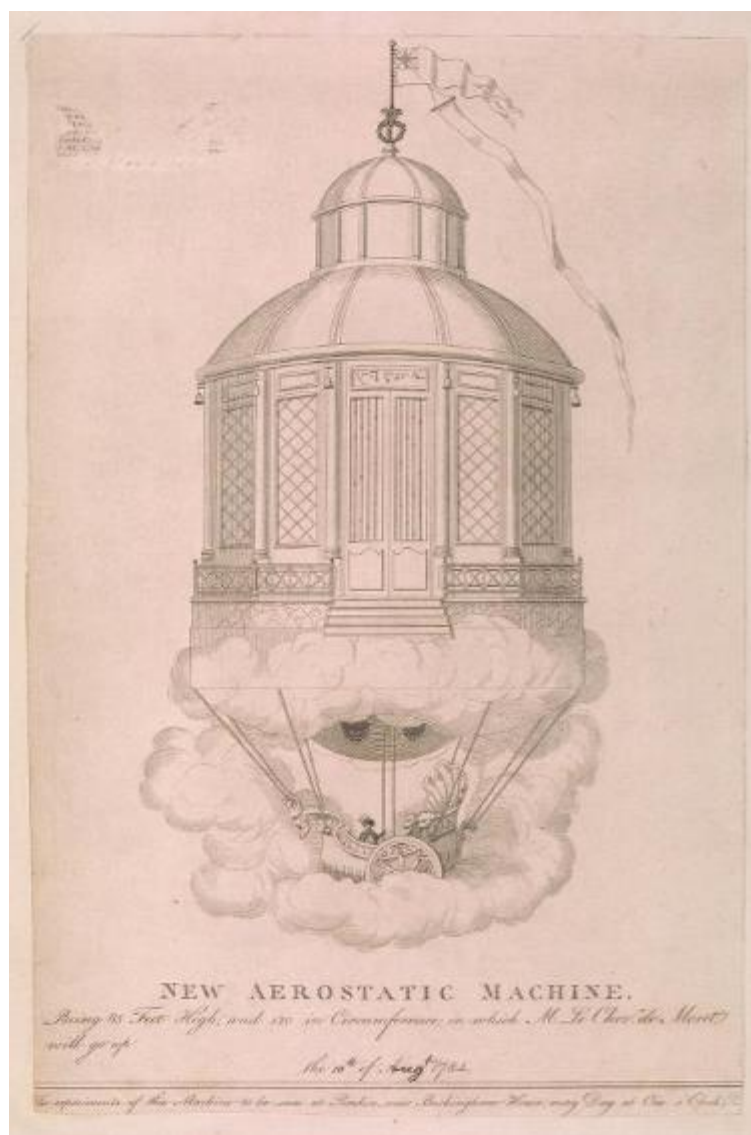


Fig. 9: Gravura que representa o que seria o balão do senhor Chevalier Moret, na obra *Scrapbook of early aeronautica vol. 2*. Disponível em: <https://archive.org/details/Scrapbookearlya2Upco>

A investigação sobre essa representação nos levou à figura de “Chevalier de Moret”, um aeronauta francês que tentou construir um balão de ar quente na Inglaterra no ano de 1784, o mesmo ano em que Vincent tocava sua empreitada, cuja tentativa antecedeu a de Lunardi e exerceu influência direta sobre a forma como o público inglês recebeu as experiências subsequentes. Os detalhes do caso aparecem de maneira mais consistente apenas nas cartas de Lunardi na obra *Account of the first aerial voyage in England*, na qual ele aponta dificuldade em encontrar apoio à sua empreitada devido ao receio coletivo gerado por Moret. Ele explica que Moret era um farsante e que seu voo fracassou, a ponto de gerar incredulidade sobre os balões.⁹⁹ As demais fontes não mencionam Moret ou, quando mencionam, o fazem de maneira inócua.

Essa ausência documental alimenta novamente a dúvida se o episódio teria sido apenas uma construção hiperbólica de Lunardi, destinada a valorizar sua própria perseverança, já que o recorte encontrado na coleção de Upcott não nos oferece nenhuma comprovação de que o voo tenha sido mal-sucedido. Assim, a dúvida crescente levou esta pesquisa a buscar mais detalhes sobre a empreitada de Moret.

A busca foi árdua e quase falha. Todavia, foi encontrado, além desses registros, uma representação satírica publicada também em um periódico, a edição do dia 17 de agosto de 1784 do *London Chronicle*,¹⁰⁰ preservada no acervo do *British Museum* e disponível em formato digital de forma avulsa. O arquivo ridiculariza a situação dos balões (cf. Figura 10) a partir do insucesso de Moret. Assim, a fonte finalmente nos leva a um desfecho satisfatório sobre a situação, que confirma o fracasso apontado por Lunardi.

Além disso, ao analisar a fonte percebe-se como o episódio reverberou de forma negativamente hiperbólica no âmbito cultural, ainda que de modo disperso. Dessa forma, além de tornar o relato de Lunardi mais factível, a análise da fonte nos apresenta um ponto importante para a discussão em curso nesta pesquisa e nos mostra uma nova faceta da recepção dos balões em solos ingleses, pois evidencia uma política realizada por meio da ridicularização de uma

⁹⁹ Lunardi, Vincent, 1784, pp.14-21.

¹⁰⁰ Convenientemente o acesso a essa página da edição foi possível de forma remota. Há de se ressaltar que o acesso completo as edições do periódico poderiam ter sido de extrema relevância a esta pesquisa, mas não foi possível fazê-lo para além das fontes mencionadas aqui, uma análise através de uma coleção e a outra disponível de forma avulsa ao restante da edição.

situação e de um objeto. Sob a imagem, lê-se a inscrição: *'Twas ever our superior cause / A Trial by our native laws. / Then let us if we must be bit / Be still the dupes of British wit.*'¹⁰¹

A inscrição ironiza os balões como uma espécie de engodo, mas, ao mesmo tempo, reivindica que, se os ingleses fossem enganados por qualquer invenção, que o fossem ao menos por "engenho dos ingleses", e não por modismos de estrangeiros. A análise dessa sátira, então, nos leva à ideia de que a resistência inglesa não se limitava a um ceticismo científico ou a uma questão econômica, mas também envolvia uma dimensão identitária: a rejeição a inovações que não fossem nativamente inglesas.

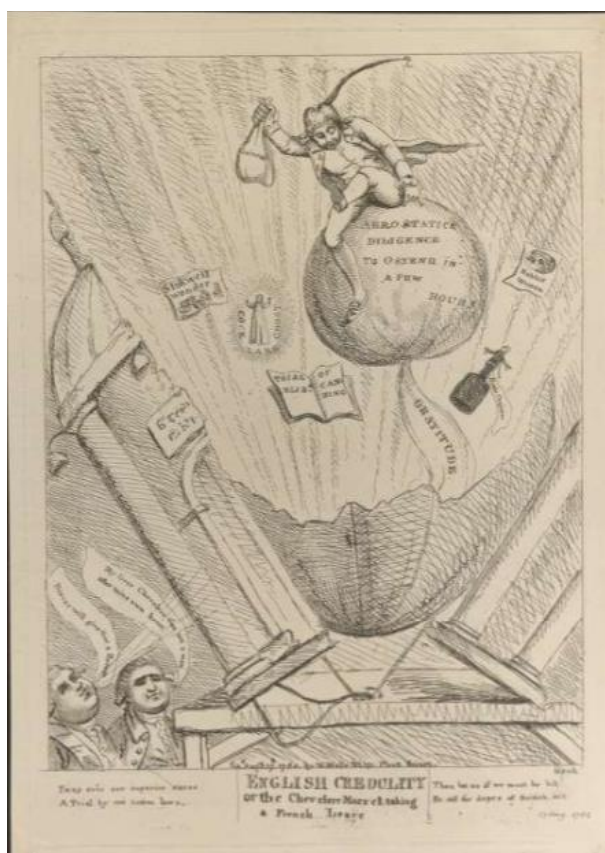


Fig. 10: Gravura em metal com uma representação satírica do balão de Moret, publicada na edição do dia 17 de agosto de 1784 do *London Chronicle*. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1868-0808-5367?selectedImageId=1613241160

Dessa forma, evidenciam-se dois pontos importantes: primeiro, que os relatos de Lunardi, que deram início à pesquisa, tornam-se cada vez mais concretos, ainda que carreguem um teor de autopromoção. E segundo, que a recepção dos balões na Inglaterra foi árdua e passou

¹⁰¹ Tradução do autor: Essa sempre foi nossa causa superior / Um julgamento por nossas leis nativas. / Então, se precisamos ser enganados, / Que sejamos trapaceados pelo engenho britânico.

por diversos filtros. Essas aparições de relatos contrários ou satíricos reforçam que, para uma parcela do público inglês, ou ao menos do público letrado com os quais esses periódicos dialogavam, a inovação dos balões só ganharia legitimidade se respondesse a um propósito prático, a uma comprovação empírica de sua eficácia ou a uma necessidade social claramente identificada ou, ao menos, se fosse uma invenção inglesa.

Convergingo com esta sátira, surge outra fonte que também nos mostra um pouco dessa camada corriqueira feita a partir de uma política rasa e não necessariamente fundamentada e que ridiculariza os balões por serem algo novo e francês.

Trata-se de uma canção da época, com temática de balões, que revelou outra faceta. A canção pode ser compreendida como uma manifestação de caráter público, sobretudo porque sua partitura foi composta para cravo (*harpsichord*) e voz,¹⁰² uma combinação mais acessível¹⁰³ e amplamente difundida na época, o que permitiu sua execução em diferentes contextos¹⁰⁴ domésticos ou públicos.¹⁰⁵ Além disso, sua suposta¹⁰⁶ publicação em um periódico de grande circulação¹⁰⁷ reforça sua vocação para alcançar um público amplo.¹⁰⁸

A canção intitulada *The Air Balloon* foi composta instrumentalmente por George Chard, corista da Catedral de São Paulo, sob letra de John Oakmen, e publicada em resposta à demanda de um público ávido pelo tema.¹⁰⁹ A peça nos mostra a complexidade do debate sobre os balões de ar quente na Inglaterra. Como visto, muitos optaram por se silenciar, outros criticaram veementemente e alguns se mostraram impressionados pela magnitude da invenção.

Assim a canção se encaixa nesta pesquisa como um espelho dessas diferentes visões do cenário cultural, em suas primeiras estrofes a letra apresenta o fascínio público pela “maravilha” dos balões, descrevendo a possibilidade de “passear no alto” e “espiar a lua”, porém a narrativa

¹⁰² Sobre circulação musical e o contexto inglês do século XVIII: Holman, Peter. *Music in Eighteenth-Century Britain*. In: Jones, David Wyn (ed.), *Music in Eighteenth-Century Britain*. Aldershot: Ashgate, 2000, pp. 1–14.

¹⁰³ Ibidem.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ Ibidem.

¹⁰⁶ Suposta devido à própria dúvida sobre o acervo que abriga o original. Apesar de trazer a informação o acervo pontua que não é algo certo já que a canção está preservada de forma avulsa a edição do periódico a qual é referenciada.

¹⁰⁷ Provavelmente o *The Gentleman's Magazine*, segundo a descrição da biblioteca que preserva o original.

¹⁰⁸ Esse fenômeno insere-se em um contexto mais amplo: na segunda metade do século XVIII, a Inglaterra vivia um período de intensa atividade musical, não apenas em Londres e entre profissionais, mas também em residências georgianas, tavernas e espaços sociais, onde amadores participavam ativamente de música vocal e instrumental. Nesse sentido, a canção de Chard e Oakman dialoga com a cultura musical da época, oferecendo, ao menos, um vislumbre de como o balonismo podia ser percebido e comentado fora dos periódicos científicos e das elites letradas.

¹⁰⁹ *The air balloon*, Londres, 1784, p. 1. Logo após o título da canção a fonte traz a informação “...inserted at the particular Request of several Correspondents.” ou em tradução livre: “impressa a pedido especial de vários correspondentes.”

logo dá lugar a um temor palpável e um receio satírico com relação à nação francesa. A letra então especula, com clara ansiedade sobre o uso de balões como armas de invasão, imaginando uma frota francesa cruzando o Canal da Mancha pelos ares. Esse misto de admiração e apreensão desemboca, no final da composição, em uma rejeição aberta com um teor de estranhamento ao que vem de outras nações¹¹⁰ que se opõem aos franceses para além dos balões.

*To walk in the sea, / 'Tis hard, you'll agree, / Where
all you may view plain as noon; / But to ramble on high, Sir, /
A trip to the sky, Sir, / Must be with the Air Balloon! (...)
Should war e'er breakout, / As it is not a doubt / With some
that it may happen soon; / The French will invade us, / Their
troops all parade us, / Brought over in Air Balloons.¹¹¹*

Além disso, através da voz caricata de um personagem que surge na última parte da música, chamado Pat, a invenção é ridicularizada como um “conto de algum lunático trapaceiro”, trazendo o teor de que a invenção não era digna para ser considerada algo prático, mas sim algo perigoso pensada pela “nação comedora de rãs”. A canção, portanto, não apenas documenta o fascínio pelo novo artefato, mas revela como a invenção espetacular era imediatamente filtrada por uma lente de medo, ridicularização, rivalidade, empirismo prático e desconfiança cultural.

*Then ships will appear. / Not in water, but air. / And
come in a twinkling down; / From Calais to Dover, / How quick
they'll be over / Blow'n up with the Air Balloon! (...) But don't
hum us, says Pat, / For I can't believe that / 'Tis the tale of
some humbugging loon; / So I say botheration, / To the frog
eating nation, / Likewise to the Air Balloon.¹¹²*

Dessa forma, a canção e também todas as fontes trazidas ao longo deste capítulo transparecem as questões abertas primeiramente nas cartas de Vincent Lunardi e nos colocam a par de como a chegada dos balões na Inglaterra foi um mosaico.

¹¹⁰ Caberia aqui empregar termos como “nacionalismo” ou “xenofobia” para explicar a questão; contudo, o uso dessas palavras tornaria a hipótese anacrônica, uma vez que os conceitos de nação, nacionalismo e xenofobia só surgem após o período estudado.

¹¹¹ *The air balloon*, p. 2. Londres, 1784. Tradução do autor: “Passear no mar, / É difícil, você há de concordar, / Onde tudo se vê claro como o meio-dia; / Mas vaguear lá no alto, senhor, / Uma viagem ao céu, senhor, / Deve ser com o balão de ar! (...) Se a guerra estourar, / Como alguns não duvidam / Que isso possa acontecer em breve; / Os franceses nos invadirão, / Suas tropas desfilarão diante de nós, / Trazidas em balões de ar.” Disponível em: <https://library.si.edu/es/digital-library/book/airballoon00char>

¹¹² *The air balloon*, Londres, 1784, p. 2. Tradução do autor: “Então navios aparecerão. / Não na água, mas no ar. / E descerão num piscar de olhos; / De Calais a Dover, / Quão rápido chegarão, / Inflados pelo balão de ar! (...) Mas não nos enganem, diz Pat, / Pois não consigo acreditar nisso, / É a história de algum lunático trapaceiro; / Então digo ‘basta’, / À nação comedora de rãs, / E também ao balão de ar.” Disponível em: <https://library.si.edu/es/digital-library/book/airballoon00char>

No entanto, ao reunir essas evidências, fica claro que a questão ia muito além da necessidade de um aval filosófico, também levantado por Lunardi. A relutância inglesa em aceitar os balões parecia nutrir-se de uma fonte mais profunda e se mostrar como um exemplo de uma tradição iluminista em que experimentos desta ordem se inseriam num limiar de ciência e espetáculo, não como uma apenas, mas lida como ambas em diferentes contextos.

Além disso, é possível perceber, como visto nas fontes, que havia medo e certa rejeição em relação à sociedade do outro lado do Canal da Mancha. Essas duas últimas fontes mobilizadas escancaram uma retórica que visava ridicularizar a invenção, afastar o objeto do fascínio e aproximá-lo do medo, do estranhamento e do exagero. Dessa forma, fica evidente que a recepção inglesa teve três grandes pilares a serem observados: a instituição científica que se posicionou com um silêncio que se revelou cauteloso mais do que cético ou deslegitimador; uma imprensa que por um lado criticou a invenção, questionou sua utilidade e investiu em críticas e por outro privilegiou o debate, a empreitada e sua grandiosidade; e, por fim, uma brecha do que pode ter sido um discurso popularizado nesse curto período antes da ascensão inglesa, que ridicularizou a invenção e se posicionou de forma rasa com relação a nova invenção. Há que se ressaltar que o corpus documental trabalhado neste capítulo foi majoritariamente retirado de periódicos, com exceção das cartas de Lunardi e das correspondências pessoais de Benjamin Franklin; ou seja, essa é uma análise que se limitou ao estudo de periódicos e de seus contrastes.

Conclusão

Este trabalho partiu de uma pergunta aparentemente simples: de que forma os balões de ar quente, inicialmente um espetáculo francês, foram recebidos e interpretados no contexto inglês? Foi a partir dessa pergunta que se desenrolou todo o estudo condensado neste trabalho. Ao entrar em contato primário com as cartas de Vincent Lunardi, esse estudo chegou a um problema que, por diversas vezes, passou despercebido aos estudiosos que se dedicaram a compreender o balonismo nesse mesmo período: como foi a recepção dos balões de ar quente na Inglaterra.

Dessa forma, o trabalho buscou abrir e lançar luz sobre uma lacuna que ainda tem muito a ser explorada. O primeiro movimento da pesquisa, portanto, foi identificar e delimitar essa ausência. O contato com a fonte de Vincent Lunardi, como visto, foi decisivo nesse processo. Ao ler suas cartas, percebeu-se que ali havia uma chave para compreender o problema: Lunardi não apenas narrava sua experiência de voo, mas também descrevia a atmosfera de resistência e indiferença que encontrou na Inglaterra. Sua escrita, marcada por entusiasmo e frustração, revelava um cenário de tensões que não havia sido explorado antes, mas que, de certa forma, se tornava inócuo por se tratar de um registro pessoal: a trajetória de um balonista e suas dificuldades em solo inglês.

Apesar disso, foram as cartas do balonista que mudaram a trajetória deste trabalho. A partir do momento em que se compreendeu que uma das fontes primárias tratava diretamente da recepção inglesa, tornou-se necessário buscar outros documentos que pudessem confirmar, negar ou, ao menos, tensionar essa percepção. A pesquisa, assim, assumiu um caráter exploratório, combinando a leitura atenta das cartas de Lunardi com o levantamento sistemático de periódicos londrinos e de registros institucionais da *Royal Society*.

O processo metodológico se construiu em torno de dois eixos principais: 1) as cartas, que fornecem o ponto de vista do próprio ator histórico; e 2) os periódicos, que registram a recepção pública e as leituras do fenômeno. Essa combinação permitiu analisar tanto o discurso do sujeito envolvido quanto o modo como parte da sociedade inglesa elaborou a novidade. Ainda que outros tipos de fontes como a sátira e a canção, trabalhadas já no fim do segundo capítulo, também tenham sido mobilizados, eles foram tratados dentro da lógica da imprensa, pois circulavam e eram publicados nos mesmos espaços tipográficos dos periódicos analisados neste mesmo capítulo. Desse modo, a pesquisa tratou a imprensa não apenas como veículo, mas

também como espaço de debate e construção de sentidos, em que ciência, humor e crítica se misturavam.

Durante o levantamento documental, ficou evidente que a *Royal Society*, principal instituição científica inglesa, adotou uma postura ambígua em relação aos balões. A ausência de discussões e publicações sobre o objeto nas *Philosophical Transactions* confirmou o silêncio apontado por Lunardi, mas a consulta às correspondências entre Benjamin Franklin e Joseph Banks revelou um interesse privado, restrito à esfera epistolar. O que parecia um desdém institucional mostrou-se, na verdade, uma cautela. Uma escolha pensada e debatida de não legitimar publicamente um experimento cujo nenhum membro da instituição havia acompanhado de perto, nem havia autoridade para falar sobre o mesmo.

Nos periódicos, por outro lado, o tom variava entre entusiasmo, ceticismo e zombaria política. O *London Chronicle* tratou dos balões como curiosidade efêmera e trouxe à tona questionamentos que o colocavam em um lugar de não legitimação, de não prestígio. Por outro lado, a *The London Magazine* oscilava entre o maravilhamento e a crítica. Foi nesses dois periódicos analisados que também se encontrou duas manifestações satíricas e políticas, a canção e a imagem citadas anteriormente mostraram que os jornais também abriram espaço para uma zombaria do objeto.

A sátira sobre o balão de Moret corroborou para a posição do *London Chronicle*, de não prestígio, questionamento e distanciamento da valorização do objeto e a canção corroborou com a *The London Magazine*, que apesar de reconhecer a magnitude do feito se mantinha num limiar entre a tensão, o medo, o questionamento e a vangloriação. Essa diversidade de vozes e registros impediu que a pesquisa encontrasse uma resposta homogênea à pergunta inicial. O que emergiu, em vez disso, foi uma constelação de possíveis recepções.

O processo interpretativo exigiu, portanto, lidar com essa heterogeneidade. A leitura cruzada das fontes permitiu perceber que o silêncio institucional, a ironia jornalística e a sátira não são manifestações desconexas, mas expressões distintas de um mesmo fenômeno: a curiosidade diante de um objeto que desafiava a racionalidade que marcava o ethos científico britânico do século XVIII.

Dessa forma, o trabalho confirmou parte da percepção de Lunardi: havia, de fato, uma resistência inglesa à novidade, mas ela se manifestava de múltiplos e sutis modos. Essa variedade de respostas mostra que o balão não foi apenas uma curiosidade, mas um espelho das questões culturais da época, entre razão e espetáculo e entre utilidade e imaginação.

Metodologicamente, o percurso da pesquisa também se mostrou revelador. O esforço de articular diferentes tipos de fontes – cartas pessoais, periódicos, correspondências institucionais – evidenciou o quanto o estudo da recepção depende da circulação dos textos e das formas de mediação.

Para além disso, ao privilegiar a experiência inglesa, este trabalho buscou preencher uma lacuna na historiografia que tradicionalmente centrou as suas narrativas na França. Se estudiosos como Gillispie e Kim iluminaram a gênese e os conflitos internos do balonismo francês, e se Brant abriu caminho para pensar os balões como "operadores simbólicos", este estudo procurou demonstrar como o fenômeno foi pensado ao cruzar o Canal da Mancha.

Reconhece-se, contudo, que este trabalho se circunscreveu ao período de recepção inicial dos balões (1783–1785). Além disso, o corpus documental aqui mobilizado, embora representativo, apresenta limitações inerentes, seja pela escassez de certos impressos, seja pelo caráter fragmentário de parte das fontes consultadas. Ademais, a análise empreendida, ainda que reveladora, comporta inevitáveis filtragens, uma vez que uma investigação mais abrangente demandaria um escopo de pesquisa mais amplo.

A pesquisa, portanto, não pretendeu oferecer uma resposta definitiva, mas sim abrir uma nova via de interpretação. Ao deslocar o foco da invenção para a recepção, e da França para a Inglaterra, buscou-se contribuir para uma compreensão mais ampla do balonismo como fenômeno europeu. Outrora, investigações futuras poderiam – e podem – compreender mais a fundo a trajetória dos balões na Inglaterra, ampliando o que este trabalho apenas iniciou. O objeto principal desta pesquisa tem em si um arcabouço imenso, diversos estudiosos já se debruçaram em suas camadas e todos estão muito longe de esgotar os diferentes caminhos que podem ser trilhados a partir dele. Após alguns anos de seu surgimento, estes mesmos instrumentos se tornaram ferramentas de pesquisa meteorológica, sonhos militares e até metáforas literárias. Seria igualmente frutífero explorar todas essas entranhas que se emaranharam aos balões no fim do século XVIII, mas que, nesta pesquisa, não encontraram eco.

Se o balão surgiu como uma promessa francesa de tocar o céu, sua trajetória na Inglaterra demonstra que mesmo os artefatos de aparente universalidade são inevitavelmente interpretados por lentes culturais específicas, capazes de ressignificar qualquer empreitada humana, por mais grandiosa que seja.

Referências

Fontes primárias

A demonstration, how it is practically possible to make a ship, which shall be sustained by the air, and may be moved either by sails or oars. *Philosophical Transactions of the Royal Society*, vol. 14, p. 730-731, 1679. Disponível em: <https://doi.org/10.1098/rscl.1679.0006>. Acesso em: 28 set. 2025.

An account of the Sieur Bernier's way of Flying. Containing the extract of a letter written from Monsieur Toynard, concerning a machine newly invented for flying in the air, by the Sieur Besnier. *Philosophical Transactions of the Royal Society*, vol. 14, p. 727-729, 1679. Disponível em: <https://doi.org/10.1098/rscl.1679.0005>. Acesso em: 28 set. 2025.

BANKS, Joseph. Carta para Benjamin Franklin. 07 de novembro de 1783. In: FRANKLIN, Benjamin. *The Papers of Benjamin Franklin*. Disponível em: <https://www.franklinpapers.org/framedVolumes.jsp> . Acesso em: 19 out. 2025.

BANKS, Joseph. Carta para Benjamin Franklin. 28 de novembro de 1783. In: FRANKLIN, Benjamin. *The Papers of Benjamin Franklin*. Disponível em: <https://www.franklinpapers.org/framedVolumes.jsp>. Acesso em: 19 out. 2025.

FRANKLIN, Benjamin. Carta para Joseph Banks. 30 de agosto de 1783. In: FRANKLIN, Benjamin. *The Papers of Benjamin Franklin*. Disponível em: <https://www.franklinpapers.org/framedVolumes.jsp>. Acesso em: 19 out. 2025.

FRANKLIN, Benjamin. Carta para Joseph Banks. 08 de outubro de 1783. In: FRANKLIN, Benjamin. *The Papers of Benjamin Franklin*. Disponível em: <https://www.franklinpapers.org/framedVolumes.jsp>. Acesso em: 19 out. 2025.

Gazzete D'agriculture, commerce, finances et arts. Paris, n. 78, p. 621, 1783. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/>. Acesso em: 09 ago. 2025.

Gazzete de France. Paris, n. 75, p. 390, 1783. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/>. Acesso em: 09 ago. 2025.

Journal de troyes & champagne méridionale. Paris, n. 43, p. 173, 1783. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/>. Acesso em: 09 ago. 2025.

LUNARDI, Vincent. *An account of the first aerial voyage in England*. Londres: Impresso pelo autor e publicado por J. Bell, 1784. Disponível em: <https://archive.org/details/b30793014>. Acesso em: 19 fev. 2025.

Machine volante inventée par le P. Gusmão [Ilustração]. (1709). Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85095492>. Acesso em: 19 fev. 2025.

SAINT-FOND, Barthélemy Faujas de. *Description des expériences de la machine aérostatique de MM. de Montgolfier*. Paris: Chez Cuchet, 1783. Disponível em: <https://library.si.edu/digital-library/book/descriptiondese00fauj> Acesso em: 22 mar. 2025

TERZI, Francisco Lana. *Prodromo, ouero, Saggio di alcune inuentione nuove, premesso all'arte maestra*. Milão, 1670. Disponível em: <https://archive.org/details/prodromouerosag00lana>. Acesso em: 31 jan. 2025.

The Air Balloon. Letra de John Oakmen, música de George Chard. Londres, 1784. Disponível em: <https://library.si.edu/es/digital-library/book/aipballoon00char>. Acesso em: 27 mar. 2025.

The London Magazine Enlarged and Improved, Volume 2. Londres, 1784. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044089251987>. Acesso em: 19 fev. 2025.

UPCOTT, William. *Scrapbook of Early Aeronautica, Vol. 1*. Compilado por William Upcott. Londres, [s.d.]. Disponível em: <https://archive.org/details/Scrapbookearlya1Upco>. Acesso em: 19 fev. 2025.

UPCOTT, William. *Scrapbook of Early Aeronautica, Vol. 2*. Compilado por William Upcott. Londres, [s.d.]. Disponível em: <https://archive.org/details/Scrapbookearlya2Upco>. Acesso em: 19 fev. 2025.

Bibliografia

ALOMÁ, E.; MALAVER, M. *Análisis de los conceptos de energía, calor, trabajo y el Teorema de Carnot en textos universitarios de termodinámica*. Enseñanza de las Ciencias, v. 25, n. 3, p. 387-400, 2007.

BARBATTI, M. Conceitos Físicos e Metafísicos no Jovem Newton: Uma Leitura do De Gravitatione. Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência, n. 17, p. 59, 1997.

BENSAUDE-VINCENT, Bernadette; BLONDEL, Christine (eds.). *Science and Spectacle in the European Enlightenment*. Aldershot: Ashgate, 2008.

BRANT, Clare. *I will carry you with my wings of imagination: Aerial letters and eighteenth-century ballooning*. In: BRANT, C.; WHYMAN, S. E. London, England: Oxford University Press, 2011.

BRANT, Clare. *Progress of knowledge in the regions of air. Divisions and disciplines in Early Ballooning*. In: BRANT, C.; WHYMAN, S. E. London, England: Oxford University Press, 2011. p. 71-86.

BURKE, Peter. The history and theory of reception. In: LLOYD, Howell A. (ed.). *The reception of Bodin*. Leiden; Boston: Brill, 2013. p. 21-37.

BURTON, Anthony. *Balloons and Airships: a tale of lighter than air aviation*. Barnsley: Pen and Sword Aviation, 2019.

COPPOLA, Al. *The theater of experiment: staging natural philosophy in eighteenth-century Britain*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

DA SILVA, Francismary Alves. *Historiografia da revolução científica: Alexandre Koyré, Thomas Kuhn e Steven Shapin*. 2010.

EGE, Lennart. *Balloons and Airships*. World Aircraft in Color. New York: Macmillan Publishing Co., 1974.

GARDINER, Leslie. *Man in the Clouds: The Story of Vincenzo Lunardi*. Edinburgh: W. & R. Chambers, 1963.

GILLISPIE, Charles Coulston. *The Montgolfier Brothers and the Invention of Aviation, 1783-1784*. Princeton: Princeton University Press, 1983.

GLINES, C. V. (Ed.). *Lighter than Air Flight*. Watts Aerospace Library. New York: Franklin Watts, 1965.

HOLMAN, Peter. *Music in Eighteenth-Century Britain*. In: JONES, David Wyn (Ed.). *Music in Eighteenth-Century Britain*. Aldershot: Ashgate, 2000. p. 1–14.

HUNTER, Michael. *Science and Society in Restoration England*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

KEEN, Paul. *Literature, commerce, and the spectacle of modernity, 1750–1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 40-77.

KIM, Mi Gyung. *The Imagined Empire: Ballon Enlightenments in Revolutionary Europe*. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 2016.

LATOUR, Bruno. *Science in action: how to follow scientists and engineers through society*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1987.

MERRIAM-WEBSTER. Cui bono. In: MERRIAM-WEBSTER. Merriam-Webster Dictionary. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/cui%20bono>. Acesso em: 6 jun. 2025.

MORTON, Alan Q.; WESS, Jane A. *Lecturing*. In: *Public & private science: the King George III collection*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

PORTER, Roy. *Enlightenment: Britain and the Creation of the Modern World*. London: Penguin, 2000.

RAHI, Vannis Jones. Flying start. Blog da Royal Society, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://royalsociety.org/blog/2022/04/flying-start/>. Acesso em: 19 out. 2025.

RAYMOND, Joad. *Pamphlets and Pamphleteering in Early Modern Britain*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2003.

SHAPIN, Steven; SCHAFFER, Simon. *Leviathan and the Air-Pump: Hobbes, Boyle, and the Experimental Life*. Princeton: Princeton University Press, 1985.

SOARES, Luiz Carlos. A filosofia natural e experimental na Inglaterra do século XVIII: um diálogo com a historiografia acerca da ideia de “Ciência” na “Era das Luzes”. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2022.

SOARES, Luiz Carlos. Newtonianos no mercado: dos primeiros professores universitários aos professores independentes e/ou itinerantes de filosofia natural e experimental na Inglaterra do século XVIII. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2021.

STEWART, Larry. *The rise of public science: rhetoric, technology, and natural philosophy in Newtonian Britain, 1660-1750*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

SUAREZ, Michael; TURNER, Michael. *The Cambridge History of the Book in Britain, Vol. 5 1695-1830*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 667-684.


TOMBS, Robert; TOMBS, Isabelle. *That Sweet Enemy: The French and the British from the Sun King to the Present*. London: William Heinemann, 2006.

WERRETT, Simon. *Watching the Fireworks: Early Modern Observation of Natural and Artificial Spectacles*. *Science in Context*, v. 24, n. 2, p. 167-182, 2011.

Declaração de Autenticidade

Eu, Fabrícus dos Santos de Albuquerque Costa, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *O silêncio e o riso: a recepção dos balões de ar quente na Inglaterra setecentista (1783-1785)* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 11 de novembro de 2025

Documento assinado digitalmente
 **FABRICIUS DOS SANTOS DE ALBUQUERQUE CO**
Data: 01/12/2025 12:36:0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>
